

cadernos da **FEI**

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 20 – Janeiro/2018





CADERNOS DA FEI – EDIÇÃO Nº 20 - JANEIRO/2018

Publicação da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do Centro Universitário FEI e dos institutos a ele associados.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

EXPEDIENTE

Revisão

Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação e Divulgação da FEI
Silvana V. Mendes Arruda

Fotos

Arquivo FEI e Istockphoto

Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Divulgação
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901
Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

www.fei.edu.br

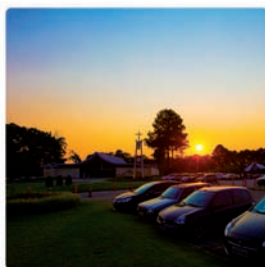


■ Congresso de Inovação 2017

44

■ Um olhar sobre o campus

80



52

Índice

MENSAGENS DO PRESIDENTE

Deus se revela na criação	08
O exemplo emblemático de Santo Inácio.....	12
Pe. Manuel Madruga, testemunho de uma vida	19
Inovação, a marca fundacional da FEI.....	22
Projeto de Inovação FEI – Plataforma de Renovação e Criatividade.....	25
A fidelidade do amor de Deus	28

PALAVRAS DO REITOR

Projeto Pedagógico de Curso e Inovação	33
--	----

VIDA ACADÊMICA

Congresso de Inovação 2017	44
FEI recebe visita do Padre Geral dos Jesuítas	48

COMPANHIA DE JESUS

Compromissos de uma Universidade Jesuíta	52
--	----

ESTUDOS E PESQUISAS

Desafio da ética entre o privado e o bem comum	66
Uma nova visão para o ensino	73
Um olhar sobre o campus.....	80

NA LUZ DA ETERNIDADE	85
----------------------------	----



Capela Santo Inácio de Loyola
Centro Universitário FEI, *campus* São Bernardo do Campo

Apresentando...

A nossa história, como a de toda instituição, vai sendo escrita à medida que os dias se sucedem, marcados pela irreversível presença do tempo.

Com muita frequência, a instituição universitária tem suas atividades envolvidas por acontecimentos que podem estar previstos e se tornam oportunidades de trazer algo de novo para a própria instituição, para a relação entre professores, alunos e toda a comunidade educativa.

Domínio e Circuito, revistas da FEI editadas durante o ano, registram os eventos e novidades, entrevistas e projetos em andamento, fazendo sua imagem chegar aos ex-alunos, professores, instituições educativas e empresas.

Cadernos da FEI, por sua vez, recolhe fatos que, durante o ano, foram significativos para uma instituição universitária preocupada com a formação integral, pelos valores humanos e princípios cristãos.

Em 2017, Nossa Senhora Aparecida foi a grande referência nacional, homenageada na comemoração dos trezentos anos da data em que a imagem foi encontrada no Rio Paraíba. Numa fase em que o País atravessa uma de suas piores crises de sua história, passamos pela mesma situação das Bodas de Caná.

A visita do Padre Geral dos Jesuítas certamente pode ser considerada como um dos fatos mais importantes do ano, pela sua presença e contato com todos os segmentos da Instituição e mensagem que proferiu.

O II Congresso de Inovação empolgou a participação dos professores e alunos, motivada pela presença de especialistas e profissionais qualificados, de empresas e organismos do mundo da tecnologia para o campo e a cidade que participavam nos debates.

A modernidade traz novas situações provocadoras de profundas reformulações na sociedade, com reflexos no comportamento ético e na Educação.

Um toque de humanismo, de arte e literatura com foco na beleza do campus torna a nossa convivência mais agradável e nos leva a homenagear os grandes mestres que recentemente nos deixaram.

É mais uma página da história escrevendo a memória da FEI.

Pe. Paulo D'Elboux, S.J.

Assistente Religioso do Centro Universitário FEI



Trezentos anos depois

O Conde de Assumar, D. Pedro de Almeida e Portugal, estava para chegar à Província de São Paulo. Como de praxe, os contatos administrativos e políticos nas cortes deveriam ser seguidos com uma sucessão de verdadeiras orgias gastronômicas, quando o serviço dos pratos seria regado com vinho selecionado, enquanto menestres e poetisas se apresentassem.

O Conde precisava levar uma boa impressão da Província!

Era importante satisfazer as exigências de um bom cardápio com a sequência das verduras e legumes, dos diversos tipos de carne, seguida das frutas e doces da região.

Para a carne vermelha, as fazendas ofereciam boas alternativas. E para a de peixe? Por que não apresentar algo do Rio Paraíba, em vez do que habitualmente era servido com o que vinha do mar?

Assim três humildes pescadores, em sua velha canoa, partiram rio acima para atender às exigências do senhorio. No entanto, naquele dia, nada estava dando certo.

Ao recolher a rede, ela trazia somente restos esparsos do que os rios têm depositado no seu leito e o que é levado pela correnteza.

Em uma das vezes, porém, algo chamou a atenção. Veio primeiro, uma imagem de santa, estava quebrada! Em seguida, a cabeça.

Muito estranho! Provavelmente, algum devoto da aldeia, para não profanar a imagem danificada, preferiu que o rio se encarregasse de ficar com ela.

Aqui começa a história que até poderia ser a de pescador...

Os peixes começaram a aparecer em abundância. O almoço do Conde de Assumar estava garantido!

Um dos pescadores, agradecido, levou para a casa aquela imagem milagrosa, envelhecida e rústica, restaurou-a, colocando-a num oratório para as pessoas rezarem diante dela.

A devoção espalhou-se. Foi preciso construir uma capelinha, depois uma igreja, uma basílica, e agora um imponente e majestoso Santuário Nacional.

Já não são humildes pescadores os que acendem as velas. São milhares de peregrinos e devotos que acorrem de todo o Brasil para pedir ou agradecer não o sucesso de uma pescaria, mas graças que receberam de Deus pela mediação de Nossa Senhora.

São manifestações espontâneas motivadas pelo reconhecimento de que houve a intercessão materna daquela a quem Jesus confiou o cuidado dos que o seguiram.

Providencialmente situada no coração do Brasil, é o ponto de convergência dos desejos dos que lhe dirigem o olhar suplicante, estendem as mãos em busca de saúde, de paz, de esperança!

Trezentos anos se passaram. A festa continua. Não é a do Conde de Assumar. É a festa da vida, na qual não pode faltar o vinho.

Nossa Senhora está presente, faz-se aparecer, com o jeito de mãe que recomenda a cada um:

“Fazei tudo o que Jesus vos disser...”

*Pe. Paulo D'Elboux, S.J.
Assistente Religioso do Centro Universitário FEI*



DEUS SE REVELA NA CRIAÇÃO

Homilia proferida na Capela Santo Inácio de Loyola por ocasião da abertura do ano letivo de 2017. São Bernardo do Campo, 6 de fevereiro de 2017.

A paz e o otimismo divino habitem em todos nós para que, muito animados, construamos o novo ano letivo do Centro Universitário FEI.

Certamente, é um estímulo enorme o encontro com os conhecidos companheiros de trabalho, a atualização das novidades vividas e a partilha das expectativas que a criatividade de cada um vem forjando. Estímulo de formarmos uma comunidade geradora de amizade e mútua colaboração na exigente e mesmo árdua missão que abraçamos, colocando nossos talentos e engenhos a serviço da formação de nossos estudantes.

Acolho a todos com muita

alegria e esperança após o descanso das férias de final de ano, para que neste lugar sagrado possamos, acolhendo a Palavra de Deus proclamada na celebração da Eucaristia de Jesus, receber graça, motivação e inspiração para todas as nossas atividades acadêmicas e comunitárias sempre mais qualificadas.

A Palavra de Deus hoje nos apresenta do Antigo Testamento dois textos, nos quais seus autores expressam a sua contemplação da natureza iluminada pela

“Estímulo de formarmos uma comunidade geradora de amizade e mútua colaboração na exigente e mesmo árdua missão que abraçamos, colocando nossos talentos e engenhos a serviço da formação de nossos estudantes.”



Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Presidente da FEI





fé em Deus, que nela se revela, se dá a conhecer; e do Novo Testamento, o Evangelho de Jesus narrado por Marcos, que prossegue mostrando quem é Jesus através de seu agir e ser. Os autores dos dois testamentos são considerados na tradição como inspirados pelo próprio Deus, com o qual experimentaram a descoberta realizada na contemplação, meditação, reflexão, indução e dedução de sua identidade através das ações do próprio Deus, que a eles se revelava; e esta descoberta, por eles sendo transmitida de geração em geração, cria, assim, uma cultura à luz da própria fé. A fé é transmitida pela fé. Quem crê dá testemunho de sua crença.

O livro do Gênesis começa afirmando: “No princípio, Deus criou o céu e a terra”. Deus está presente desde o início, seu espírito pairando sobre as águas e sua voz portadora de ordem no caos e da chamada à vida, à existência. O autor expressa que Deus está acima de tudo, com autoridade sobre toda a natureza e vida como seu criador, au-

tor. No vazio, deserto tenebroso, Deus cria a Luz, nomeando à Luz dia e às trevas noite. Foi a primeira coisa, o primeiro dia da ação divina. Em seguida, chamou de Céu o Firmamento, separando a terra firme das águas no segundo dia. Formou o solo enxuto, separando a Terra, para produzir vegetação, plantas com sementes e frutas, do Mar, no terceiro dia. Criou os luzeiros, o maior, o Sol para presidir o dia e o menor, a Lua para presidir a noite e as estrelas, marcando as épocas, dias, anos, no quarto dia. Prossegue com a voz divina povoando as águas, mares com a diversidade das espécies de peixes, no quinto dia; os animais, segundo sua espécie, e o homem e a mulher, à sua imagem e semelhança, com autoridade sobre a criação, no sexto dia.

Concluída a criação e delegada à autoridade humana o cultivo e o cuidado, Deus descansou. O autor desejou comunicar esperança e segurança ao povo da Antiga Aliança. Deus está acima de tudo o que existe e foi criado,

porque Deus é o autor da natureza e da vida e dela recebe reconhecimento e homenagem. Deus é único. Nenhuma força predomina sobre ele, só Ele é reconhecido pelo ser humano. Os astros e estrelas, o sol e a lua, a terra e as águas, os peixes e os animais aquáticos, os animais grandes e pequenos, as aves e as plantas, são criaturas do Senhor, refletem a sua glória e poder. O Senhor é o único Deus e estabelece Aliança com a humanidade, com o seu povo. O povo de Israel se distingue dos outros povos pela percepção de Deus que se revela.

O salmista poeticamente compõe a sua oração, expressão de fé a partir da obra de Deus, a criação. Ele convida a todas as pessoas a unirem-se a ele em bênçãos ao Senhor pelas maravilhas realizadas. As obras do Senhor são numerosas, são maravilhosas, portadoras da sabedoria divina. Sabedoria percebida no dia a dia na terra firme, consistente, que os mares a cobrem como um manto com suas ondas, cujas montanhas são

envolvidas pelas águas, suas nascentes brotando nos vales passam serpeando entre as colinas, em suas margens vêm morar os passarinhos, nas ramagens erguem seus cantos. Toda a natureza expressa a grandeza e o poder do Senhor. O esplendor da majestade divina é mais fulgurante do que um manto real. Deus está revestido de luz, seu reflexo ilumina todos para que o descubram e reconheçam como Senhor da natureza e da vida.

Marcos declara solenemente: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Sua intenção é apresentar a identidade de Jesus Cristo. Toda a construção de sua obra é elaborada com esta finalidade: ajudar a todos os seus leitores a descobrirem pessoalmente quem é Jesus Cristo, como os primeiros discípulos escolhidos e ele mesmo o fizera. Os discípulos foram escolhidos por Jesus intencionalmente, após uma noite de oração a sós com Deus na montanha, para conviverem com Ele, serem evangelizados, testemunharem

os milagres e, por sua vez, serem enviados para evangelizar e anunciar a chegada do Reino de Deus com milagres e expulsão de espíritos maus.

Jesus ensinava nas sinagogas, em praça pública, sentado na barca na margem do lago. Suas palavras causavam impressão profunda, porque falava com autoridade de ter comunhão com Deus. Com o Deus invisível, inacessível, transcendente. Jesus anunciava a chegada do Reino de Deus. Precisava insistir que a ação divina não era à imagem da ação humana, que Deus agia com a paciência do amor e da esperança de ser acolhido e seguido conforme seus desígnios. O Reino de Deus precisava ser decodificado da libertação e triunfo sobre o reino pagão de Roma, a destituição de Pilatos ou mesmo de Herodes. Jesus usava parábolas para ilustrar o Reino dos Céus, como a semente jogada na terra, sua força misteriosa para brotar, crescer, frutificar, sua dimensão minúscula como a da mostarda que se torna uma horta- liça abrigando os pássaros do céu.

A semente é a própria palavra de Deus: Jesus, que se aproxima na mansidão da discrição, para suscitar as liberdades à acolhida do que vem em nome do Senhor. Os gestos de Jesus abalam as convicções dos que o cercam. Quem é este homem a quem os ventos e o mar obedecem? Quem é este homem que fala com autoridade e os espíritos maus se calam e obedecem, abandonando suas vítimas até então dominadas por eles, nas quais fizeram sua morada? Quem é este Rei do Reino de Deus, que alimenta a multidão de cinco mil homens com apenas cinco pães e dois peixes? Onde está este homem que nos despediu e partiu para o outro lado do lago?

Hoje, Marcos relata que a barca com Jesus e seus discípulos atravessara o mar da Galileia e chegara a Genesaré. A barca foi amarrada para não ficar à deriva e afundar. Em terra, Jesus foi visto pelas pessoas, que imediatamente o reconheceram. Percorrendo toda a região, traziam os doentes deitados em suas camas para os lugares onde ha-



viam ouvido falar que Jesus estava. Os lugares de passagem de Jesus eram as cidades, povoados e campos, em cujas praças eram colocados os enfermos que pediam para tocar no taumaturgo, milagreiro, ainda que fosse apenas em suas vestes. E todos que tocavam em Jesus ficavam curados. Marcos apresenta uma cena maravilhosa do acesso das multidões e dos necessitados a Deus através da presença de seu Filho caminhando pela terra, reunindo os filhos dispersos, curando enfermidades, perdoadando pecados, atraindo as pessoas à conversão, à plena comunhão com Deus. Esta bondade provocava irritação em pessoas maldispostas, sem propensão para acolher a graça de Deus distribuída por Jesus, seu Filho. Tramavam sua morte fariseus, herodianos e outros mais. Marcos mostra que Jesus revela os corações, provoca o discernimento, estimula as verdadeiras escolhas e adesões. Marcos inova com sua narrativa estimulante para o itinerário de todos para, através de Jesus, se aproximarem da comunhão



plena e eterna com Deus. Jesus, Caminho, Verdade, Vida. Jesus, Deus entre nós. Jesus, o Filho de Deus proclamando a chegada do Reino dos Céus. Jesus, a semente de Deus na terra de nossos corações para ser germinada e crescer produzindo raízes, ramos, folhas e frutos para a vida do mundo. Jesus, a Palavra que salva, Palavra da Salvação.

Irmãos e irmãs, estimulados pela expressão de fé e esperança

do profeta inspirado do relato da Criação do Céu e da Terra, da Luz, da Natureza, da Vida Vegetal, Animal, Humana; do salmista, que com sua oração-poesia nos embala no ritmo e sabedoria da natureza para com ele louvar o Senhor; de Marcos, o Evangelista de Jesus, nos envolvendo na interação com o Filho de Deus que se revela, revelando a Deus, iniciemos com fé, coragem e esperança inovadora este Ano Bom de 2017! □



O EXEMPLO EMBLEMÁTICO DE SANTO INÁCIO

Homilia proferida na Capela Santo Inácio de Loyola por ocasião da Eucaristia do dia de Santo Inácio e abertura do 2º semestre de 2017. São Bernardo do Campo, 31 de julho de 2017.



Com alegria, desejo as melhores boas-vindas a todos que aceitaram nosso convite para acolhermos a Palavra de Deus proclamada e celebrarmos a Eucaristia de Jesus. A Eucaristia faz a memória da despedida do Senhor. No contexto de uma ceia, reunindo seus discípulos, Jesus lega o sentido de sua vida e missão. De Deus viera, a Deus retornaria. Veio para o que era seu, e os seus não

o receberam. Brilhou como a Luz em meio as trevas, mas as trevas não o receberam. Aos que o receberam, deu a partilha de graça sobre graça. Aos discípulos que o seguiram, revela o seu mistério. Dará a sua vida selando o amor de Deus revelado em seus corações. Seu corpo será ferido de morte violenta, seu sangue será derramado. Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos.

Jesus revela que Deus é Amigo Leal! Seu amor é poderoso, nada o poderá afastar de nós, o eliminar de nossos corações, pois foi dado pelo Filho; Jesus, prometendo legar o Espírito Santificador, permanente companhia



da humanidade ao longo de toda a sua história. Abençoa o pão e o partilha, abençoa o cálice com vinho e o distribui. Abençoando, sacramenta-se: meu corpo doado, alimento para a vida eterna, meu sangue derramado, selando a nova e eterna aliança de Deus com toda a humanidade para sempre. Rememorar a despedida, a morte anunciada do Senhor, a sua ressurreição, o dom do seu Espírito, é a realidade da celebração eucarística.

Pela sucessão apostólica, nos foram legadas a fé e a esperança no Senhor. Os apóstolos comunicaram o processo pelo qual acederam à mesma fé e à esperança em Jesus, para que pudéssemos haurir na própria fonte da graça de Deus. Meditando, refletindo, orando a partir da Palavra de Deus, conseguiram perceber a ação de Deus em toda a história até a vinda do Filho de Deus, partilhando com Ele a vida e a missão. Iluminados pelo Espírito do próprio Deus, acolhido em suas mentes e vidas, suas energias e sentimentos, lançaram-se

empolgados e imantados pelo apelo ao seguimento e à comunhão em sintonia profunda com o Senhor que se deixou encontrar por eles, em suas culturas, modos de ser e agir.

A Palavra de Deus nos lega a experiência da ruptura da Aliança com Deus pela aposta-

“Pela sucessão apostólica, nos foram legadas a fé e a esperança no Senhor. Os apóstolos comunicaram o processo pelo qual acederam à mesma fé e à esperança em Jesus, para que pudéssemos haurir na própria fonte da graça de Deus.”

sia do povo de Israel. O redator do livro do Êxodo descreve bem a situação e o impasse. O salmista, com maestria, retrata a mesma atitude do povo em uma oração de súplica e perdão. Mateus apresenta duas parábolas de Jesus: uma campestre, compa-

rando o Reino a uma semente pequenina, e outra, doméstica, em que o Reino de Deus está presente na humanidade, à semelhança da ação oculta, mas consistente, do fermento na levedação da massa.

Em bela narrativa apresenta-se a situação, contrastando a atitude divina e a de seu povo cansado de esperar por Moisés, durante o êxodo. Deus, ouvindo e atendendo à prece intercessora de Moisés pelo povo recalcitrante, lavrando as duas tábuas, escritas de ambos os lados, com a Lei da Aliança, em seguida lhe entregando para proclamá-la. Moisés, voltando do cume da montanha com a lei, ouviu o tumulto do povo que gritava, cantava, dançando em torno de um bezerro de ouro. Tomado de ira, quebra as tábuas jogando-as ao solo, assumindo a gravidade da ruptura da Aliança pelo povo. Esmigalhou o ídolo, reduzindo-o a pó, misturando o que sobrou com a água e obrigou o povo a beber o próprio pecado. O ídolo do bezerro é impotente diante de

Moisés irado. O que fora feito, foi desfeito. Converte-se numa bebida de maldição que adentra no corpo dos culpados, denunciando o pecado e castigando. Questionando Aarão, que ficara responsável pelo povo, o mesmo, tibiamente, se exime da responsabilidade culpando o povo pela má inclinação à idolatria. Fora solicitado como sacerdote a dar-lhes uma imagem visível da divindade para, à semelhança dos povos circundantes, expressar a própria religiosidade. Aarão assume que recolhera o ouro necessário com o povo, o colocara no fogo, surgira assim este bezerro. Moisés decide subir novamente à montanha para negociar com Deus o perdão pela ofensa cometida. Em contraste com a atitude de Aarão, Moisés intercede pelo novo perdão divino. Sua oração é um reconhecimento do grande delito cometido, seguido do pedido de perdão. Condiciona sua vida ao atendimento de sua súplica. Se Deus não perdoar o povo, ele prefere ser riscado do livro da vida pelo próprio Deus.

Sua vida não terá mais sentido algum! Terá falhado em sua missão, não conseguiu conduzir o povo ao seu Deus. Deus lhe responde que será riscado do livro da vida apenas aquele que pecou e confirma a missão de Moisés: “E agora vai e conduze este povo para onde eu te disse”. Estarei contigo: “meu anjo irá à

“Deus sempre cumpriu seus compromissos, o povo falhou em sua resposta. A misericórdia é maior do que os pecados cometidos. Sempre há esperança, porque o parceiro é o próprio Deus.”

tua frente”, para guiar-te no caminho. Não estás só! Eu estarei sempre contigo.

O salmista em prece canta, motivando o povo em atitude de penitência reunido em assembleia, para que renove a fidelidade ao Senhor. O povo já havia superado o êxodo, instalara-se

na terra prometida, vivera experiências diversas de organização social, tivera juízes que o governara, acolhera reis e profetas, sofrera invasões, fora derrotado, partira para o exílio. O salmo recorda o passado, nele relendo a própria história da Aliança com Deus. Sempre rompida pelo povo, sempre renovada, reconciliada por Deus. O esquecimento de Deus e das suas realizações em prol do povo levavam ao afastamento de Deus. “Os nossos pais, construíram um bezerro no monte Horeb, adoraram uma estátua de metal, trocaram a glória de Deus por uma imagem de boi que come feno; Deus fizera maravilhas no Egito, no mar Vermelho, Deus se aborrecera tanto, com a traição do povo, que até pensara exterminar a raça, mas Moisés, seu eleito, intercedeu e o acalmou”. Constata que a misericórdia de Deus suplantou sua justiça. Deus sempre cumpriu seus compromissos, o povo falhou em sua resposta. A misericórdia é maior do que os pecados cometidos. Sempre há



esperança, porque o parceiro é o próprio Deus.

No Evangelho, o grão de mostarda em sua pequenez, a mínima porção de fermento, carregam em si enorme energia potencial. Lançada por um homem na terra, torna-se uma árvore capaz de abrigar os ninhos dos pássaros do céu. Misturada por uma mulher nas medidas de farinha até que levede toda a massa. Assim age a natureza. O Reino de Deus, em seus inícios, pode parecer irrisório, mas seu impacto pela mediação dos discípulos tem grande dinamismo. A mensagem evangélica, a eles confiada, é portadora do potencial da ação divina na humanidade, em cada pessoa. O Reino de Deus está presente na humanidade, é capaz de transformá-la. O Reino de Deus comunica o próprio Deus acessível a toda a humanidade. Jesus é o mestre da natureza. Nele se revelam as intenções de Deus, todas até as mais íntimas. Ele revela “em parábolas proclamando as coisas que estavam ocultas desde a criação do mundo”.

A Palavra de Deus nos conduziu da experiência grotesca do pecado do povo, junto ao monte Horeb. Mal havia sido perdoado por intercessão de Moisés, antes de receber as tábuas da lei da Aliança com Deus, fazia a opção pela idolatria. Trocara o Deus que é a sua glória pela imagem de um boi que come feno. Dei-

“O exemplo de Inácio é emblemático para nós. Foi percebendo aos poucos que, em sua vida, o ator principal se tornou Deus.”

xara a contemplação do transcendente para render-se a uma miragem sob a aparência de um ruminante de palha. A racionalidade submeteu-se ao instintivo. O perdão divino revelou-se maior que qualquer pecado ou desvio de rota humana. Jesus nos mostrou que a natureza é exuberante e portadora de forças vegetais, químicas. Maior energia

infunde o próprio autor e senhor da natureza. Nas aparências frágeis, Deus se revela em sua misericórdia para que com Ele sejamos capazes das maiores proezas, aventuras e ações. Deus age em nós com a suavidade natural da evolução da sementinha, com a eficácia do fermento levedando nosso interior, para que nossa racionalidade, bem referenciada, desenvolva a capacidade de inovar continuamente. Com o Senhor, seremos imbatíveis e progressivamente lançados em busca de soluções!

Hoje celebra-se a festa de Inácio de Loyola. Parece-me pertinente citar da minha Homilia proferida na Capela da UNICAP em 2005: (Symposium).

O exemplo de Inácio é emblemático para nós. Foi percebendo aos poucos que, em sua vida, o ator principal se tornou Deus. Não conseguia fazer o que queria, tinha que descobrir, discernir, decidir: sofria até chegar ao que poderia e assim deveria ser feito. Enquanto rezava ape-

nas e fazia penitências, ia acertando e errando sozinho; quando se tornou Superior da jovem Companhia de Jesus, parecia ser suplantado pelos acontecimentos. Cito um grande especialista inaciano: “Uma vida que envolve os homens num turbilhão de missões, apelos, fundações, favores, sucessos, fracassos, provas, calúnias, perseguições. Uma vida na qual as efervescências, o ritmo, ultrapassam de longe todo pensamento planificador ou mesmo estratégico”. É digno de menção que, nos primeiros anos da Companhia, os trabalhos dos companheiros, a escolha dos campos de ação tenham, raramente, tido em consideração a iniciativa de Inácio. É, por exemplo, João III de Portugal que obtém do papa Paulo III, a partida de dois companheiros para as Índias Orientais: Simão Rodriguez e Bobadilha são eleitos, mas Bobadilha cai doente e Francisco Xavier parte em seu lugar. Francisco Xavier, que Inácio havia feito seu secretário, seu íntimo, que partilhava seus

trabalhos e suas preocupações como Geral da Ordem. Assim, toda a epopeia de Xavier dependeu de um estado febril de Bobadilha! Multiplicar-se-iam tais exemplos. Inácio é levado, mais do que orientador do sopro de Pentecostes que atravessa a Ordem nascente. E se ele domina as

“Decididamente, o verdadeiro Inácio é um homem como os outros, que traça duramente seu dia a dia – segundo Deus! – o sulco (sillon), a vereda de seu destino e do destino da Companhia de Jesus.”

situações, é graças à oração que inventou: ‘o discernimento dos espíritos’, essa tomada de consciência, no centro mesmo da ação, de que no acontecimento inesperado, é a vontade de Deus e do que é ilusão ou insignificância. Em Montmartre, os ‘primeiros padres’ tinham escolhido: se

não pudessem embarcar para Jerusalém, iriam ‘por todas as partes do mundo entre fiéis e infiéis’ aonde ‘o Vigário de Cristo’ os enviasse. Por esta existência de disponibilidade total, de improvisação contínua, eles se haviam oferecido a Paulo III, em novembro de 1538. Sua vontade, eles a haviam confirmado, inscrita em todos os primeiros documentos que fundavam a Ordem. Eles haviam mesmo transformado a simples oferta ao Papa em um voto canônico, no dia 15 de abril de 1539, antes mesmo de formular alguma Constituição. E o Papa os pegava pela Palavra, confiava-lhes tarefas difíceis, transmitia-lhes os apelos dos bispos e dos príncipes. A correspondência atesta: a jovem Companhia, rapidamente, sente falta de pessoas preparadas, ela as utiliza, com grande perigo para as vocações e a própria saúde, pessoas apenas formadas, pouco fazendo que elas abafem seu próprio sucesso. Onde está este Inácio tão fantasiado que sempre se descreve como estrategista, calculista, organizador?



Decididamente, o verdadeiro Inácio é um homem como os outros, que traça duramente seu dia a dia – segundo Deus! – o sulco (sillon), a vereda de seu destino e do destino da Companhia de Jesus. Sua união com Deus existe em todos os instantes: ele O busca, interroga-O, escuta Sua resposta no decorrer mesmo de sua existência. Sua disponibilidade para o inesperado, fosse ao preço de sua vida, permite-lhe discernir, segundo a fé, os sinais de Deus. E a vontade Daquele que ele ama acima de tudo, uma vez reconhecida, motiva-o a entregar-se para executá-la, com todos os recursos de sua natureza e de sua graça.

Os recursos de sua natureza, seus dons – imensos – mas também seus defeitos. Com efeito, Inácio tem um temperamento cuja exuberância mesma não vai sem alguns incômodos aos que o cercam... O orgulho, um orgulho tão violento, marca o temperamento de Inácio. A vontade predomina. É um hiperativo, um líder nato, um motivador



de pessoas pela radiação natural. Nenhuma dificuldade o desconcerta, a adversidade o estimula em vez de abatê-lo. Ele segue seu caminho, com fidelidade a si mesmo, uma tenacidade que se origina de recursos vitais consideráveis, uma resistência excepcional à fadiga, à doença e à dor. A vida para ele não tem sentido se o combate que ele trava em favor de uma causa o supera. Ele não teme a morte, ele a desafia e despreza. No fundo, este companheiro que apresentamos como maravilhoso é um solitário que vive de sua própria

interioridade, de seu próprio recurso e conteúdo espiritual. E se, por acaso, alguns propõem partilhar sua luta, ele aceita, exige deles que cheguem como ele até ao limite de suas possibilidades. Como contrapartida, oferece sua fidelidade nos sucessos e nas desgraças: um companheiro, um verdadeiro, aquele que batalhou com ele torna-se para ele um ser de alguma maneira ‘sagrado’. Tudo isso com uma sensibilidade extrema. Ele carrega em si as pulsões instintivas vigorosas que ele domina sem dúvida – mas a que preço? E que explodem muitas vezes, em cóleras bruscas, ou incendiam nele ansiedades, dúvidas, escrúpulos. Então, no seu esforço para dominar seus demônios íntimos, ele chega a tender a um desejo excessivo de sacrifício, de renúncia, de expiação. Temperamento de fogo, incapaz de sentimentos mesquinhos e que não deixa indiferente quem dele se aproxima: ou é admirado, ou temido; exerce, ao seu redor, uma espécie de magnetismo. Sua personalidade é um contraste, algumas vezes

até a contradição: a inspiração do instante o comanda. Este homem um dia se converteu. Tendo encontrado Jesus Cristo, seguiu-o sem tergiversar. Seu temperamento não foi abolido. Não se tornou perfeito num instante, mas suas riquezas, suas misérias adquirem um sentido novo: impõem-lhes uma orientação nova. Gosta da glória, mas a de Deus, quer ser insigne para o seu Cristo. Sua paixão pela Igreja o leva aos pés do Papa, fosse santo ou pecador. Essa metamorfose profunda de seu ser o joga na pobreza até o desnudamento, na humildade até as humilhações, na obediência até fechar os olhos. O homem persiste, sob o místico, mas transfigurado.

Descobre-se pela análise que faz para conhecer a vontade de Deus, utiliza os meios de um homem sábio e prudente: documenta-se pacientemente sobre o assunto sobre o qual tem que decidir, constitui peça por peça o que hoje se chama dossiê, consulta seus conselheiros habituais e pessoas competentes, discute

com eles, pesa os prós e os contras como numa balança e engaja enfim sua responsabilidade. Qual o elo entre a iluminação mística e o bom senso do sábio? É preciso buscar nos métodos de eleição dos Exercícios Espirituais. Para Inácio, há muitos caminhos para

“Este homem um dia se converteu. Tendo encontrado Jesus Cristo, seguiu-o sem tergiversar. Seu temperamento não foi abolido. Não se tornou perfeito num instante, mas suas riquezas, suas misérias adquirem um sentido novo: impõem-lhes uma orientação nova.”

interrogar a Deus e conhecer Sua vontade: a brusca iluminação, aquela que conheceu Paulo em Damasco, as pulsões interiores do Espírito na consciência humana, e, enfim, o bom senso, a banal sabedoria exercendo-se natural e calmamente à luz da

fé. Inácio gostava de usar estes três caminhos nas suas reflexões e decisões de Geral, como na sua conduta pessoal: não prefere nenhum por princípio e passa de um ao outro segundo suas disposições interiores. O fim interessa mais do que os meios. E o fim é viver ele mesmo, e fazer viver seus companheiros, agir ele mesmo e conduzir seus companheiros, segundo este Amor infinito que, nos dias de Loyola e Manresa, se impôs a ele, invadiu-o e investiu-o. Transformou tão radicalmente seu ser, que substituiu seus projetos humanos pela sua intenção eterna”¹.

Este artigo nos ajudou a perceber que a santidade, o santo se constrói a partir do apelo divino percebido em nossa vida hoje, como foi, outrora, por Inácio percebido. A percepção leva a resposta positiva ao apelo de busca da vontade divina em nossas vidas.

Inácio inovou em seu tempo, criando o método para o Discernimento! □

¹ André Ravier. *Mystérieux Loyola*, p. 232-233; 235.

PE. MANUEL MADRUGA, TESTEMUNHO DE UMA VIDA

Homilia da Missa pela alma do Pe. Manuel Madruga, S.J., proferida na Capela Santo Inácio de Loyola. São Bernardo do Campo, 19 de setembro de 2017.

Irmãos e Irmãs,
A esperança e a consolação de Jesus, o Príncipe da Paz, permaneçam com todos para que possamos acolher a sua Palavra, recém proclamada para nossa evolução e conversão pessoal comunitária.

A Palavra de Deus sempre nos apoia na revisão de nossa vida, para que possamos responder aos apelos de sua graça, para nossa felicidade e plena realização. Acolher as intenções divinas a nosso respeito, os seus convites, para que a nossa vida corresponda às suas expectativas criacionais de espelharmos a sua imagem e semelhança. Nossa



eucaristia é celebrada no contexto da partida do Pe. Manuel Madruga Samaniego, S.J., no último dia 15, sexta-feira.

Pe. Madruga exerceu suas atividades ministeriais nesta capela nos últimos 18 anos e 4

meses. Testemunhava um grande amor pela Igreja, convicção plena pela espiritualidade inaciana haurida na Companhia de Jesus e enorme paixão pela FEI. Homem otimista, de bem com a vida, sempre adequadamente vestido, de bom trato com todas as pessoas. Nos últimos tempos celebrávamos com ele uma série de datas marcantes de sua vida: seu sacerdócio, seu ingresso na Companhia de Jesus. Sempre lembrava sua trajetória: juventude em Colégio Jesuíta, formação, ordenação, missionário enviado ao Brasil. Chegou espanhol, viveu, doou-se continuamente, partiu brasileiro, repousa em nosso solo.

A primeira leitura é da carta pastoral a Timóteo, jovem bispo da Igreja apostólica, apresentando orientações para a seleção dos candidatos ao ministério ordenado: episcopado e diaconato, o salmista expressará seus desejos profundos e inclinação de sua vida, e o Evangelho de Lucas nos apresentará Jesus comovendo-se e agindo ante a dor de uma mãe viúva, acompanhando o fêreto de seu filho único e jovem.

A primeira carta de Paulo a Timóteo descreve o ministério como uma função, um serviço sublime. Não se trata de um serviço como tantos a serem prestados profissionalmente. O ministério consiste, em uma graça outorgada pelo próprio Deus, a uma pessoa frágil como todas, para mediar a relação da comunidade

com o próprio Deus. Paulo apresenta as qualidades que tornam possível o serviço de anúncio do Evangelho, para a transmissão da fé, a celebração dos sacramentos, marcando a evolução na própria pertença à comunidade cristã. O episcopado necessita da capacidade de dar bom exemplo e testemunho, para isso, a pessoa precisa ser irrepreensível e sóbria, prudente e modesta, acolhedora, hospitaleira e capaz de ensinar, condescendente e pacífica, desinteressada e gozar de boa consideração entre todos. São as condições para garantir a unidade da fé e da esperança na comunidade que preside. Os diáconos são auxiliares para vários serviços, deles é condicionado que sejam pessoas de respeito e de palavra, respeitosos do mistério da fé e de consciência límpida,

exercerem muita liberdade para divulgarem a fé em Cristo Jesus. Paulo apresenta um belo programa de pastoral vocacional, para a continuidade da ação evangelizadora da Igreja.

O Salmista canta o seu desejo de aderir ao amor e à justiça. Ele expressa a decisão profunda de trilhar o caminho do bem. Ele faz opção pelo bem. Segue as inclinações que Deus inspira em seu coração e em sua mente. Há caminhos possíveis. Ele adere ao caminho do bem, quer chegar à vida, à verdade, à sustentabilidade. Necessita discernir o melhor. Suplica que o Senhor venha até ele, para ser revigorado, sustentado, garantido. Tanto ele como toda a sua família. Recusa ter diante dos olhos qualquer coisa má, injustiça ou pecado. Não quer afastar-se de Deus, não quer afastar Deus de sua presença, de suas atitudes. Afirma que o critério de amizade com os semelhantes, será a adesão aos mesmos valores inspirados pelo Senhor. Deseja com ardor, viver na pureza do seu coração.

“O episcopado necessita da capacidade de dar bom exemplo e testemunho, para isso, a pessoa precisa ser irrepreensível e sóbria, prudente e modesta, acolhedora, hospitaleira e capaz de ensinar, condescendente e pacífica, desinteressada e gozar de boa consideração entre todos.”



É um homem consolado pelo Senhor. Uma pessoa que adere com todo seu ser, com todos os seus, aos desígnios percebidos do Senhor. Deseja retribuir as graças recebidas e nelas envolver todos os seus semelhantes. Quer ser missionário do bem, com seu testemunho, exemplo, atitude.

Lucas consigna no Evangelho, Jesus caminhando de cidade em cidade. Aproxima-se de Naim, acompanhado de seus discípulos, de uma grande multidão. Chegando às portas da cidade, depara-se com um cortejo fúnebre: um defunto levado, filho único de mãe viúva. Uma grande multidão da cidade acompanhava. Jesus sente compaixão pela dor da mãe que perdeu o filho jovem. Toca no caixão, os carregadores param e Jesus ordena: Jovem, levanta-te! O que estava morto sentou-se e começou a falar. Jesus o entregou à sua mãe.

Todos os presentes, certamente, as duas multidões, a seguidora de Jesus e a do féretro, ficaram com muito medo. Quem é Jesus que dá ordens a um morto e ele

atende, voltando à vida? É um grande profeta! Deus visitou seu povo! O fato foi noticiado pela Judeia inteira e por toda a redondeza. Jesus exprimiu o sentimento de solidariedade pela dor materna, atende o que ela não lhe pedira. Jesus é mais forte do que a morte. Os discípulos se recordarão na descoberta do sepulcro vazio, na manhã da Ressurreição.

O Pe. Madruga completou sua missão entre nós. Sua vida foi portadora das qualidades exigidas para o ministério conforme a carta pastoral de Paulo a Timóteo. Exerceu função sublime, gozando de bom renome, boa consideração de todos. Pessoa de respeito, falava com muita liberdade da fé em Cristo Jesus. Como o salmista, aderiu à trilha do bem, cantou o amor a Deus e à sua justiça, procurou sempre discernir o melhor. Como os discípulos no Evangelho, acompanhou Jesus em seus gestos de conciliação e misericórdia, aliviando os pecados do mundo, abençoando em nome do Senhor, testemunhando que Deus visita o seu povo, lhe

comunica a paz, lhe confirma na fé pascal da Ressurreição. Agradecemos ao Senhor pelo dom da vida e do ministério, da perseverança no itinerário do divino serviço, da vontade de ensinar o melhor caminho para cada um em cada momento de sua vida. Descanse em paz. Assim seja.

Desejo partilhar:

Pe. Madruga foi nomeado provincial dos jesuítas do nordeste do Brasil. Em 1985, ele solicitou um jesuíta ao provincial da Província Centro-leste, para dirigir a Universidade Católica de Pernambuco. Fui enviado. Ele me acolheu, me nomeou. Ele me introduziu no complexo mundo universitário. Após o exercício de sua função, partiu para outras missões. Fui permanecendo em Pernambuco. Em 1998, eu o recebi para trabalhar nas atividades pastorais da FEI, as quais exerceu até o momento do acidente e da doença que o vitimou. Morreu glorificando a Deus com seu trabalho e dedicação. □



INOVAÇÃO, A MARCA FUNDACIONAL DA FEI

Pronunciamento de abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do 1º semestre de 2017. São Bernardo do Campo, 6 de fevereiro de 2017.

Ao dar a todos as melhores boas-vindas para as atividades do ano 2017, desejo expressar o otimismo que nos envolve nas atitudes que têm sido assumidas institucionalmente visando a Inovação como Marca Fundacional da FEI desde os seus primórdios. A FEI se constrói há setenta e cinco anos através do Ensino, Pesquisa e Extensão, formando seus estudantes para exercerem a cidadania com alta qualidade ética e profissional. Nosso fundador, o Pe. Sabóia de Medeiros, sonhou com seus colaboradores o desenvolvimento do País e quis ajudar a realizar, planejando a concre-

tização institucional das faculdades de gestão e de engenharia que permitiriam aos jovens uma excelente formação, que unisse a teoria e a prática, a pesquisa e a fábrica, o conhecimento e a produção, a ciência e a consciência do bem comum e dos direitos humanos e sociais.

As faculdades nasceram aspirando à melhor qualidade. As faculdades se articularam interdisciplinarmente no Centro Universitário FEI, que passou a oferecer oportunidades para a juventude na graduação, mestrado e doutorado. Graças à pesquisa desenvolvida e à alta qualificação de seus docentes pesquisadores que, participando de redes temá-

ticas de projetos, concretizaram o ideal de que o mesmo tema pudesse ser trabalhado em instituições e laboratórios distintos geograficamente e, igualmente, em níveis distintos de aprofundamento na graduação (TCC, Atividades Complementares), no mestrado e no doutorado.

Fomentar o estudo, além da motivação em sala de aula, para impregnar interesse e gosto na busca do saber e da descoberta de soluções para as questões suscitadas ou provocadas, demonstrou a factibilidade e as grandes vantagens do envolvimento no mesmo tema de pesquisa dos estudantes, desde o nível de acesso ao curso pré-universitário até ao



grau máximo de pós-doutorado do pesquisador orientador.

Em outubro 2016 realizou-se o Primeiro Congresso de Inovação e Megatendências 2050, envolvendo nossos docentes, discentes e corpo funcional. Estiveram presentes profissionais que no dia a dia enfrentam as exigências da produção em todos os setores, abrindo horizontes. Foi possível ouvir, debater, participar, aportar opiniões. Com franqueza e argumentação, foram apresentadas situações previsíveis criadoras das crises atuais e vindouras. Um dos pontos que mereceram atenção foi a destruição de muitos empregos atuais pela tecnologia, informática, robótica. Postos de trabalho deixando de existir, aumento do desemprego, surgimento de novas ocupações e postos de trabalho até pouco tempo inexistentes, mas que demandarão uma preparação de alta qualidade do capital humano do País. A presença maciça de grande parte dos nossos colaboradores e estudantes foi indicativa de que

o caminho escolhido deveria ser trilhado com segurança: preparar o estudante para atuar num mundo futuro, distinto, exigente, altamente desenvolvido. Como preparar o estudante, não para ocupar um emprego, mas para ser um gerador de novos empregos, um renovador da atividade

“O desejo institucional é que toda a comunidade universitária se envolva participativa e colaborativamente no desenvolvimento do projeto de inovação, em sala de aula, nos laboratórios, nas diversas atividades complementares.”

produtiva, um gestor de alta capacidade, são questões colocadas para a instituição que tem como missão primordial apoiar a juventude na própria formação. Nesta proposta de enfoque foi previsto oferecer a oportunidade de um treinamento em Gestão de Inovação para toda a comunidade do Centro Universitário. As

primeiras duas turmas já foram treinadas, com a participação dos que serão responsáveis para repassar o mesmo treinamento para os docentes, corpo funcional e discentes no decorrer do ano. Em março, está previsto o desenvolvimento desta atividade para a terceira turma.

O desejo institucional é que toda a comunidade universitária se envolva participativa e colaborativamente no desenvolvimento do projeto de inovação, em sala de aula, nos laboratórios, nas diversas atividades complementares. Para que o projeto seja exitoso, é necessário que os Projetos Pedagógicos dos Cursos e das disciplinas tenham o enfoque da inovação e do empreendedorismo, a cultura da inovação deve impregnar os novos PCCs da FEI, tornando-se o próprio Projeto Pedagógico o referencial de qualidade.

A Comunidade Universitária da FEI deseja construir respostas aos desafios que envolvem o mundo nos diversos continentes e, de maneira específica, o nosso

País, através das oportunidades aos discentes de uma boa formação para a vida, a cidadania responsável, a eficiência profissional, a espiritualidade ética, a religiosidade profunda, formação classicamente denominada integral da pessoa. Os nossos discentes são vocacionados a um “plus” referenciado pela missão fundadora institucional. A FEI, desde a sua origem, inspira-se na mística de serviço legada por Inácio de Loyola à humanidade nos Exercícios Espirituais, mediante a fundação da Companhia de Jesus. O foco da mística inaciana é o relacionamento direto de cada pessoa com Jesus Cristo, que se deixa reconhecer como companheiro de caminho para o serviço ao próximo, como aquele que foi à frente testemunhando que o amor divino se revela na reciprocidade de colocar-se na situação do interlocutor, como desejaria que o mesmo se colocasse diante de si. Desta espiritualidade otimista, a pedagogia haure o foco na pessoa, no estudante para o qual é proposto o currículo, as

atividades, os estágios, os experimentos, as oportunidades para que, se conhecendo bem, possa aprimorar-se continuamente, desenvolvendo todas as suas potencialidades pessoais e sociais, em vista de imprimir a sua marca de qualidade em seu serviço

“*Os estudantes vão se profissionalizando no próprio agir universitário, todos estão aprendendo, todos estão ensinando, todos estão praticando, todos estão criando, inventando, concentrando-se, focando, construindo-se continuamente.*”

ao bem comum de toda a sociedade, a partir de sua inserção no mercado de trabalho.

A visão do presente sustenta o otimismo para contemplar o futuro no qual nossos discentes irão interagir. Os departamentos evoluem gradativamente na

construção da continuidade educativa, envolvendo segmentos do ensino médio e pré-universitário em atividades motivadoras de estudo, pesquisa e serviço, articulados com os graduandos e pós-graduandos em rede com os orientadores de diversas temáticas inovadoras voltadas para o futuro. Estes momentos fortes, institucionalizados, desencadeiam resultados excelentes no espírito de colaboração, trabalho em equipe, busca de soluções novas, estudo de problemas reais, concretização da teoria abstrata, verbalização dos conceitos, assimilação da aprendizagem. Os estudantes vão se profissionalizando no próprio agir universitário, todos estão aprendendo, todos estão ensinando, todos estão praticando, todos estão criando, inventando, concentrando-se, focando, construindo-se continuamente.

Felicitos a toda a nossa comunidade universitária pela qualidade do serviço oferecido à formação plena de nossos estudantes, sempre visando com todo empenho: inovar construindo a melhor qualidade. □



PROJETO DE INOVAÇÃO FEI – PLATAFORMA DE RENOVAÇÃO E CRIATIVIDADE

Pronunciamento por ocasião da abertura do 2º Congresso FEI de Inovação e Megatendências 2050: “A Cidade e o Campo Inteligentes, para uma Melhor Qualidade de Vida”. São Bernardo do Campo, 9 de outubro de 2017.

Excelentíssimos Senhores
João Carlos de Souza Meirelles, Secretário de Energia e Mineração, representando o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin;

Orlando Morando, Prefeito de São Bernardo do Campo;

Wilson Poit, Secretário de Desestatização e Parcerias da Prefeitura de São Paulo;

Senhoras e Senhores,

Sejam muito bem-vindos ao Centro Universitário FEI para o tríduo de imersão na Inovação e

Megatendências 2050, através da participação construtiva do segundo congresso, no qual o foco é a qualidade: exigência de vida a ser articulada, continuamente, em todo o planeta. Qualidade onni-inclusiva, que pervade todos os espaços e lugares no qual o ser humano interage modificando.

As cidades atraem as pessoas pelas possibilidades para o atendimento de suas necessidades de vida, de sobrevivência, formação, inserção profissional, desenvolvimento, cuidado da saúde, segurança, serviços ofertados. O campo vem assegurando a continuidade da produção granjeira,

agrícola, pecuária, em escala suficiente para a auto sustentação regional, estadual, nacional, internacional. Há limites, equilíbrios a serem respeitados, avalistas da sustentabilidade da própria qualidade. O exercício de construir cenários abrange e utiliza as ferramentas de todas as disciplinas acadêmicas, científicas, humanas, sociais, da saúde, medicina a serviço da vida, permitindo vislumbrar os caminhos pelos quais o presente constrói o futuro. A continuidade do presente indica o possível resultado, implicando talento e vontade para a mudança do rumo dos insucessos.

A comunidade de ensino, pesquisa e extensão da FEI deseja realizar a missão que lhe é confiada de apoiar a formação da juventude para estimular a melhor qualidade de vida, no exercício da cidadania ética e cristã, através dos melhores instrumentos da metodologia científica, no desenvolvimento e aplicação do próprio talento e carisma. A liderança da mesma comunidade ofereceu os meios para que, em seu conjunto, formasse um corpo ordenado com a marca da Inovação.

Para fomento sustentável, criou as condições de envolvimento gradual para todo o corpo docente e de pesquisa, em treinamentos e imersões já realizados, e prepara, também, o programa para os discentes e colaboradores técnicos e funcionais. Deseja que os currículos novos apoiem o estudante a formular seu projeto próprio de formação, favorecendo sua criatividade, imaginação, protagonismo em interação e articulação com os colegas de equipe.

A FEI mantém viva a tradição expressa pelos antigos: *Vitae, non scholae discimus*, não aprendemos para a escola, a faculdade, mas para a vida, para ser aplicado a serviço da qualidade de vida. Este enraizamento permite que a FEI esteja plantada no coração das indús-

“**A FEI mantém viva a tradição expressa pelos antigos: “*Vitae, non scholae discimus*”, não aprendemos para a escola, a faculdade, mas para a vida, para ser aplicado a serviço da qualidade de vida.**”

trias, em relação e colaboração contínua, para gerar a sinergia entre o conhecimento difundido e constantemente recriado que esteja a serviço de bens e produtos de alta qualidade científica e utilidade social.

A FEI já construiu alguns laboratórios em parceria entre a

Academia e a Indústria para promover a pesquisa e o desenvolvimento e, através da Plataforma INOVAFEI, está aberta às iniciativas que aloquem o conhecimento adquirido e em construção, para a melhor preparação de seus estudantes em serviço de estudo, pesquisa e desenvolvimento. O IPEI, continuamente, está aberto a negociações e projetos com as empresas que também focam a pesquisa e o desenvolvimento.

A resposta otimista das autoridades governamentais e empresariais aqui presentes e representadas nos confirmam e estimulam a prosseguir no caminho da Inovação e na prospecção de novas tendências rumando ao ano 2050.

É muito consolador contemplar os jovens inseridos em seu presente, trazendo suas realizações e sucessos da infância e adolescência, em diálogo como os seus formadores, em vista ao futuro. Futuro, para eles, de longo prazo, os cinco ou seis anos de engenharias ou os quatro de informática ou administração e



gestão, ao iniciarem a graduação. Farão a passagem do imaginário abstrato ao conhecimento concreto, elaborando seus projetos profissionais.

Com a busca e a criação do conhecimento, a FEI deseja cultivar, em cada um de seus jovens alunos e alunas, a busca da Sabedoria que apoia relacionar a experiência acumulada à descoberta da novidade. Sabedoria como caminho de vida. Sabedoria como descoberta para onde caminhar entre a ficção e a realidade científica,

concreta. Sabedoria que leva à invenção de respostas, soluções, decisões sustentáveis de qualidade para facilitar a vida. Sabedoria para singrar os mares do conhecimento, a imensidão dos horizontes em que cada um se identifique, modifique, construa, induza. Sabedoria, sustentáculo da inovação, na tecnologia e nas atitudes, na percepção da capilaridade das questões e respostas oportunas. Sabedoria espiritual, capaz de meditar para discernir entre o bom e o melhor, para fazer a melhor escolha, assumir a decisão sustentável.

Que a FEI, sua comunidade acadêmica, docentes, pesquisadores, estudantes, corpo funcional, a sua comunidade aliada, amiga, fraterna, parceira empresarial e industrial, bem como as autoridades oficiais da nossa cidade, estado, ministérios, nação brasileira, estejam sempre abertas para sintonizarem-se com a Agenda do Futuro, a ser continuamente construída com vida exigindo qualidade.

Boa e ativa participação para todos. □



A FIDELIDADE DO AMOR DE DEUS

Homilia de preparação para o Natal proferida na Capela de Santo Inácio de Loyola, no Centro Universitário FEI. São Bernardo do Campo, 21 de dezembro de 2017.

I

Irmãos e Irmãs no Senhor Jesus:

A paz e a alegria divinas estejam sem-

pre em nossas mentes e corações. Dou as melhores boas-vindas a todos que aceitaram o convite para ouvirmos a palavra de Deus, nos deixarmos embalar pelos motivos para enaltecer tantas oportunidades bem aproveitadas em nossas vidas e atividades ao longo deste ano e, antes do seu término, nos encaminha para a celebração do Natal de Jesus. É muito bom conhecer o sentido de nossas existências. Descobrir a consistência de nossas esperanças. Saber que Deus nos ama, induzindo-nos à reciprocidade de uns

com os outros, como atitude receptiva de seu desígnio de se revelar, estabelecendo comunicação de profunda intimidade conosco.

Deus é mistério para todos nós. Só Deus revela Deus. Seus pensamentos tão diversos dos pensamentos humanos, suas palavras tão eficazes em relação às palavras humanas. O Senhor jurou e não voltará atrás, atesta o salmista. Procede coerentemente em sua fidelidade, em sua aliança com toda a humanidade. Diverge de como costumamos fazer ao mudarmos de opinião ou de opção em múltiplas possíveis escolhas. Deus é bem focado. Revela-nos sua misericórdia e seu amor através de gestos de bondade, de

melhoria de nossa qualidade de vida, ao seguirmos seus caminhos, induções e aconselhamento.

Estamos acostumados a nos relacionarmos desde o berço, através dos nossos sentidos. Ouvimos, vemos, tocamos, cheiramos, saboreamos. Pelos sentidos, expressamos nossas preferências, comparamos, até formulamos nossos conceitos. Passando do concreto ao abstrato, do apetecível ao asqueroso, do sonoro ao estridente, do prazer ao sofrimento, vamos nos desenvolvendo, transmitindo descobertas, construindo a cultura, legando saberes às próximas gerações. O que foge da experiência imediata, de nossos sentidos, mas ace-



na perceptivelmente para uma comunicação que precisa ser desenvolvida e contextualizada, ultrapassa o mundo criado. O mundo do mistério, do sobrenatural, desconhecido que nos atrai e seduz em nossa consciência natural. O bem a ser feito! O mal a ser evitado! Fazem parte da nossa racionalidade. Os efeitos em nosso ser da adesão ao bem e da rejeição ao mal, ou da preferência do mal em detrimento do bem, são as iscas para um refinamento espiritual. Ninguém me vê, mas eu me vejo, eu não me engano a mim mesmo. Estar a sós, cismar, diante da areia e das águas oceânicas, imantado pelo brilho das estrelas, pelo luar. São tantas oportunidades que nos lançam na busca do sentido da própria existência, da presença humana diante do grande universo. Contemplar para conhecer melhor, para descobrir como são guardados os grandes segredos, as chaves do mundo criado. Pelo criado é possível chegar ao autor, ao artista criador. É possível ouvir sua voz, seguir seus pas-

sos, ver a sua presença invisível. Os sentidos materiais sugerem a possibilidade de desenvolver os homólogos espirituais. Os sentidos da imaginação permitem a analogia para o mundo espiritual. Os pais nem sempre estão ao lado dos filhos, mas comunicam uma presença que dá segurança.

“O amor permanece em Deus! Deus permanece em nós. Paulo nos garante: o amor de Deus foi plantado em nossos corações pelo seu Filho. Deus nos legou seu Espírito que nos permite chamá-lo carinhosamente: Papai, Abba!”

Vá com Deus! Deus o ilumine! Nunca estarão sós, mas confiantes na capacidade de dar as respostas adequadas a todas as situações que passarem.

A racionalidade humana é a chispa, a inteligência é a faúlha, a digital marcante que o

Criador fez eclodir na natureza humana, desde a origem. A Sagrada Escritura é uma obra para a cultura humana, da cultura humana. Várias mãos, muitas inteligências convergiram para a redação final das tradições orais, transmitidas de geração em geração, das percepções e avanços na busca do infinito, das preces ao ser transcendente, que deixando-se encontrar, revelando seu mistério, apresenta-se como a referência de toda a natureza, como portadora de beleza, de reflexo de glória e luz. Deus viu que tudo era muito bom! Deus descansou da obra de suas mãos. Deus legou seu desejo: cresci, multiplicai, transformando a face da terra.

Hoje, a palavra divina proclamada nos apresenta o mais belo de todos os cânticos: O cântico dos cânticos! Um livro breve narrando o amor atraente de um homem e de uma mulher, que se buscam e se deixam encontrar para envolver-se para sempre. Há divergências sobre a interpretação de sua locali-

zação na própria Bíblia. Uma, adequada, parece ser o retrato da relação de Deus com o povo da eleição e da Aliança. Relação apresentada como paixão nupcial. O amor de Deus e o amor humano. Atraem-se, afastam-se. Há obstáculos, o amor vence todas as barreiras. O salmista encantado com a descoberta das maravilhas realizadas por Deus, convoca toda sua comunidade a cantar um canto novo com alegria para o Senhor. O Evangelho, narrado pelo médico Lucas, nos apresenta a cena comovente e repleta de significado do início da encarnação. Duas mulheres gestantes se encontram. A jovem visitante percorreu estradas e colinas da Judeia para saudar a idosa, que estava em seu sexto mês, recolhida em sua casa. As parentes saúdam-se mutuamente, dando a oportunidade ao agir divino, selando a veracidade da vida de Maria e de Isabel.

O cântico dos cânticos é um eco da narração da criação. Seu conteúdo simbólico é o amor de Deus pelo seu povo. O erotismo

é discretamente expresso nos diversos símbolos campestres. O amor é descrito como um dom de Deus para as pessoas que se amam. Os casais em todas as culturas renovam o milagre, os gestos do amor. O amor que não pode ser vencido, o amor é como o fogo, que vem de Deus. Nem

“O amor cantado apresenta como o povo é buscado por Deus, que se deixa conhecer, aproximando-se, falando ao coração humano, aguardando a reciprocidade. Amar a Deus sobre todas as coisas. Amar ao próximo como a si mesmo.”

as águas revoltas do mar, nem a força da morte serão capazes de destruir, sufocar o amor. São João vai afirmar com toda segurança aos cristãos das jovens igrejas recém convertidas: Deus é amor! O amor permanece em Deus! Deus permanece em nós. Paulo nos garante: o amor de Deus

foi plantado em nossos corações pelo seu Filho. Deus nos legou seu Espírito que nos permite chamá-lo carinhosamente: Papai, Abba! A noiva ouve a voz do amado, observa ele se aproximando, apressada e indomitamente, pelos montes e colinas. Sente-o ofegante encostado na parede externa de seu quarto, espreitando pelas janelas, através das grades. Ele me convida a levantar-me e a sair com ele. Argumenta o final do inverno, a chegada da primavera, os odores dos campos, o florescer das vinhas, o crescimento dos frutos das figueiras. A natureza exulta! A noiva é comparada à avezinha tímida escondida na brecha do rochedo, no esconderijo escarpado: vem, mostra teu semblante, deixa-me ouvir tua doce voz, contemplar tua graciosidade.

O amor cantado apresenta como o povo é buscado por Deus, que se deixa conhecer, aproximando-se, falando ao coração humano, aguardando a reciprocidade. Amar a Deus

sobre todas as coisas! Amar ao próximo como a si mesmo! O salmista sabe constatar pela sua contemplação que os desígnios de Deus são para sempre. Que Deus não é fugaz! Os pensamentos que traz no coração vão perdurar, geração após geração. Deus é fiel ao seu amor. Deus se consagra aos que o amam e o buscam. Deus respeita as decisões. O canto novo cantado reconhece a felicidade de ser escolhido por Deus, de herdar a comunhão com Deus. Razão pela qual, é possível ressuscitar a esperança de dias melhores com muita confiança. Os corações em uníssono se alegram em seu Santo Nome. Afinal: Deus é a nossa única esperança. É eterno, não passa, a relação e a intimidade não se desgastam. Alegrai-vos justos no Senhor! Cantai para Ele o próprio amor!

O Evangelho nos envolve, convidando-nos a entrar e participar de um acontecimento primoroso. Duas mulheres: Maria e Isabel. Uma jovem, outra idosa. Ambas gestando para contribuir



A visitação da Virgem Maria a Elizabeth. Pintura de Domenico Ghirlandaio.

para o cumprimento do desígnio divino. Maria será a mãe do Senhor. Isabel a mãe do precursor, do arauto, do último profeta. Como sabem? Há um anúncio duplo do anjo Gabriel que previne ao marido de Isabel, no Templo, que iria ser pai na velhice. Zacarias, seu nome, não acredita em tanta felicidade. Duvidando da veracidade, é castigado pela mudez até que a promessa se realize. Por sua vez, Maria acolhe em sua casa, em Nazaré, que prevenida pela graça de Deus era bem-aventurada, repleta pela graça divina e que iria ser a mãe do Filho do Altíssimo. Maria inquire apenas como se fará a decisão divina. Esclarecida, lhe é comunicada a gravidez no sexto mês de sua prima Isabel. Imediatamente Maria se põe a percorrer nas estradas a distância entre as duas cidades e chegando saúda Isabel. A saudação de Maria, portadora do Espírito Santo, é a mediação de alegria e de inspiração celeste para Isabel. Em alta voz, gritando, exclama sua admiração de ser visitada pela mãe de meu Senhor, meu

Deus! Isabel fica ciente de que Maria acedeu ao que Deus lhe prometeu. Maria é agraciada com a fé em Deus. Tudo o que Deus prometeu vai se cumprir. Maria é abençoada entre todas as mulheres da terra. O fruto de seu ventre: é bendito! É o Deus Senhor do céu e da terra. O

“ *A proximidade do Natal nos encanta espiritualmente. É o nosso acesso ao mistério de Deus, que se aproxima revelando-se. Sua palavra se faz carne, habita entre nós para que possamos acolher sua vida e verdade.* ”

menino em meu seio saltou de alegria, reconheceu na tua voz a ação divina.

Caríssimos irmãos e irmãs no Senhor. A proximidade do Natal nos encanta espiritualmente. É o nosso acesso ao mistério de Deus, que se aproxima

revelando-se. Sua palavra se faz carne, habita entre nós para que possamos acolher sua vida e verdade. Que possamos deixar a palavra ao texto universal da Sagrada Escritura, para que cada um de nós livremente prossiga na descoberta do que é essencial e possa aderir com todo seu ser ao Senhor que vem ao nosso encontro. Acolher com a intensidade dos noivos cantados no poema do Cântico dos cânticos, que se deixam buscar e encontrar para permanecerem eternamente. Com o cântico novo do salmista que reconhece as maravilhas que Deus operou pela vida e bem-estar de seu povo, de seus fiéis. Com a generosidade de Maria, subindo e descendo colinas pela Judeia para prestar serviço à Isabel, confortando-a na alegria da esperança que a certeza da fé concede aos que amam ao Senhor da vida e da história. Assim, o Natal será o nosso encontro com a revelação do mistério divino concedendo-nos a paz que une o céu e a terra, razão de nossa alegria e esperança. Assim seja! □

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO E INOVAÇÃO

Palestra de abertura do Painel 2 – A cultura da inovação nos novos PPCs da FEI. Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em 07 de fevereiro de 2017.

Saudações e agradecimentos!

Essas palavras iniciais têm por objetivo identificar e divulgar os referenciais inovadores que estão inseridos nas propostas dos novos PPCs dos cursos de graduação do Centro Universitário FEI, e deverão motivar o diálogo planejado entre alguns de nossos coordenadores, convidados a participar do painel subsequente, e nossa comunidade acadêmica, no intuito de apresentar na prática como a “inovação curricular” está sendo pensada, contemplada e motivada por meio dos diversos currículos.

Buscando a melhor com-

preensão do contexto em que esta iniciativa se insere, farei uma descrição geral do Projeto de Inovação FEI, e buscarei ao final da apresentação, por meio de cinco imagens ilustrativas, resumir os principais aspectos da proposta, convidando os nossos painelistas a discutir de forma concreta a sua implementação, por meio das atividades curriculares e extracurriculares contempladas nos respectivos projetos.



Prof. Dr. Fábio do Prado

Reitor do Centro Universitário FEI

“O Projeto de Inovação FEI tem como finalidade proporcionar uma verdadeira transformação organizacional e cultural da instituição, no sentido de atingir níveis mais elevados de qualidade em sua missão de educar, gerar e difundir conhecimento.”



O Propósito

O Projeto de Inovação FEI tem como finalidade proporcionar uma verdadeira transformação organizacional e cultural da instituição, no sentido de atingir níveis mais elevados de qualidade em sua missão de educar, gerar e difundir conhecimento, orientada segundo o novo marco referencial estabelecido em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, que nos aponta o seguinte cenário de futuro:

Ser uma instituição inovadora de Educação Superior, prioritariamente nas áreas de Tecnologia e Gestão, reconhecida nacional e internacionalmente por formar profissionais altamente qualificados e promover a geração, difusão e transferência do conhecimento, contribuindo para uma sociedade mais humana e mais justa. (Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020, pg.13).

A universidade Inovadora que se propõe deverá atender as seguintes condições:

- Cultura de inovação em todas as instâncias acadêmicas

e a geração de estado vibrante de atenção às oportunidades e de abertura ao diálogo com a sociedade;

- Atitudes inovadoras e empreendedoras do corpo docente e corpo técnico-administrativo, para tornarem-se verdadeiros protagonistas do processo de transformação institucional;
- Processo de aprendizagem ativa e uso multidisciplinar das novas tecnologias, que permita a devida articulação do conhecimento, da pesquisa e do pensamento acadêmico com o contexto real de vida dos estudantes. Essa ação exige a compreensão das novas culturas e uma universidade “de saída” que avance às fronteiras;
- Projetos de cursos inovadores e “flexíveis”, que favoreçam atividades multidisciplinares, a novidade, o diálogo com mercado, a gestão de projetos e carreira, a experiência internacional;
- Integração dos currículos

com a pesquisa. A articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão deve ser um ciclo virtuoso, de permanente realimentação e sinergia;

- Projetos acadêmicos inovadores, que façam movimentar a tríplice hélice do processo de inovação, ou seja, o permanente diálogo entre a academia, a empresa/indústria e o setor público;
- Poder de captação de recursos e ampliação das fontes privadas e públicas de financiamento de projetos, dos contratos de pesquisa e cooperação científica e tecnológica com setor privado, bem como o fomento a patente e a licenciamentos de tecnologias.

E em relação ao projeto didático-pedagógico dos cursos, deverá priorizar:

- Processo formativo que favoreça o raciocínio “sintético” em complemento ao “analítico”, o poder de criação e o desenvolvimento de uma visão holística e gerencial dos processos;



- Processo formativo que capacite o aluno para ser um solucionador de problemas mal estruturados, que por seu grau de novidade e complexidade, requerem o domínio do processo criativo;
- Processo formativo diferenciado por se pautar na ética e nos valores cristãos, premissas de sua orientação jesuíta, capaz de orientar os projetos institucionais para a melhoria da condição humana e da qualidade de vida.

Pilares do Projeto de Inovação

Para tanto, o Projeto de Inovação da FEI fundamenta-se em três grandes pilares:

- I. Fomento à cultura de inovação;
- II. Sintonia com agenda do futuro;
- III. Construção de projetos curriculares inovadores – Projeto INOVA FEI.

O fortalecimento desses pila-

res vem somar esforços às ações já iniciadas nos últimos anos com a criação de uma Agência de Inovação, constituída no âmbito do Instituto de Pesquisas e Estudos Industriais – IPEI, com o objetivo de organizar e fortalecer as interações entre o Centro Universitário FEI, o setor produtivo, órgãos do governo e demais instituições comprometidas com a inovação tecnológica, bem como de estruturação de um Escritório de Projetos para gerenciar projetos voltados à pesquisa,

ao desenvolvimento tecnológico e à inovação, com ações de acompanhamento e apoio aos docentes-pesquisadores.

O conjunto de todas essas iniciativas responde a um anseio de fomentar processos inovadores com os alunos da FEI, para que possam estar melhor preparados a enfrentar os grandes desafios do futuro, apresentando-lhes respostas de magnitude e qualidade a questões mal estruturadas. O projeto de inovação FEI incorpora nas suas dimensões as questões sobre as grandes megatendências do futuro, seus cenários, e as soluções que indivíduos e sociedades esperam apresentar para o enfrentamento destas. Tecnologias e processos e gestão andam de mãos dadas em espaços cada vez mais articulados, multidisciplinares e universais. A pesquisa e o desenvolvimento buscam orientação de aplicação e as soluções requerem cada vez mais transformações disruptivas e criativas, bem como a avaliação de seus impactos.

É neste contexto que a FEI se lança a uma proposta de ino-

vação, integrando os elementos didático-metodológicos de seus currículos, à pesquisa científica e tecnológica, às práticas em seus laboratórios, com os seus projetos de cooperação com instituições e empresas, e priorizando a capacitação de todos os atores acadêmicos para a gestão de processos inovadores. Esta integração é denominada de PLATAFORMA DE INOVAÇÃO FEI.

Antes de descrever em maiores detalhes os três citados pilares da inovação, farei uma breve descrição da organização e liderança da plataforma.

A Organização

Organizacionalmente, a Plataforma de Inovação estará diretamente subordinada à Reitoria do Centro Universitário FEI e será coordenada pelo seu reitor, integrando as diversas áreas acadêmicas competentes: Vicereitoria de Ensino e Pesquisa; Vice-reitoria de Extensão e Atividades Comunitárias, e IPEI, além dos setores administrativos de suporte.

Foi constituído, pelo Presidente do Conselho de Curadores da FEI, um Grupo Orientador formado por lideranças da Fundação Mantenedora e do Centro Universitário, bem como por empresários e personalidades externas, responsável por acompanhar o planejamento e o desempenho das ações da Plataforma, buscando oportunizar seu grande potencial de sinergias e de conhecimento.

O projeto da Plataforma tem a missão de liderar e integrar de maneira harmônica as diversas etapas do projeto de inovação, desde a sua concepção, sua incorporação nos diferentes currículos, sua divulgação, a integração com os trabalhos do IPEI e dos Departamentos Acadêmicos, objetivando o desenvolvimento do Projeto INOVA FEI de formação de PROFISSIONAIS inovadores e a implantação de seu processo didático-pedagógico ao longo dos anos de integração dos cursos.

Fará parte da Plataforma um Grupo Gestor, constituído a partir dos colaboradores devida-

mente capacitados, subordinado à Reitoria, juntamente com as vice-reitorias e o IPEI. A coordenação deste grupo ficará a cargo de uma liderança que já tenha experiência em processos de inovação.

Um Grupo Administrador ficará com a responsabilidade da operação e articulação entre as unidades acadêmicas e agentes envolvidos no processo.

Gostaria ainda de destacar que a Plataforma traz em seu bojo o conceito de integração das inteligências acadêmicas, sem jamais intervir na autoridade e responsabilidades das entidades institucionais constituídas. A Plataforma proporciona a VISÃO necessária para o alinhamento e direcionamento das ações e atividades do Centro Universitário.

A organização das edições do Congresso de Inovação FEI também estará sob a orientação integrada da gestão da Plataforma de Inovação.

A Sistemática

Desenvolvendo a cultura de inovação

A cultura inovadora demanda, portanto, o alinhamento temático e o conhecimento dos fundamentos do processo de inovação. A cooperação institucional deve abranger projetos, trabalhos e desenvolvimentos, além do intercâmbio de professores e alunos. A cultura inovadora deve inspirar o campus a ter espaços físicos e relacionais que favoreçam a criatividade, a espontaneidade e a proatividade.

A cultura de inovação deve favorecer:

- Empreendedorismo;
- Visão global – Articulação internacional;
- Visão sistêmica e multidisciplinar;
- Aptidão para a tomada de decisões utilizando de forma analítica as informações disponíveis e avaliando os impactos social, econômico e ambiental destas;

- Percepção das tendências de futuro, permitindo ao profissional lidar com as incertezas dos processos e assumindo uma postura proativa;
- Capacidade de gestão de processos e de projetos;
- Atitudes criativas.

Nesse sentido, a proposta do projeto visa à real transformação cultural das práticas organizacionais e científico-pedagógicas do Centro Universitário FEI, devendo iniciar-se pelo aperfeiçoamento e treinamento do corpo docente e técnico-administrativo, e consequente formação de tutores para multiplicação e sustentabilidade do processo, tendo por referência a sistemática do procedimento de inovação em criar, desenvolver e implementar ideias.

O objetivo desta primeira etapa é capacitar os docentes nas boas práticas pedagógicas para inovação, que privilegiem as soluções de problemas mal estruturados e grandes temas sociais complexos, e que exigem uma abordagem criativa, articu-

lada e integrada às demandas de indústrias e de serviços de alta intensidade tecnológica.

A metodologia proposta deverá explorar a criatividade e seus métodos, o desenvolvimento de projetos e protótipos, a análise de mercado e planos de negócios, os princípios do empreendedorismo, e o poder da visão.

Numa primeira etapa, ocorrida nestas últimas duas semanas, serão capacitados 42 docentes, alocados em três diferentes turmas, escolhidos a partir de suas funções acadêmicas gerenciais, seu conhecimento e atuação técnica, e seu poder de relacionamento e de comunicação.

A partir dessa capacitação inicial, pretende-se criar o Grupo Gestor para o acompanhamento e a implantação do projeto, bem como extrair desse grupo os tutores que, posteriormente treinados, ficarão responsáveis pela replicação do treinamento para todos os demais docentes e colaboradores da instituição.

Sintonia com a agenda do futuro

Este segundo pilar do projeto de inovação deve ser compreendido se inserido nas demais iniciativas. E como já mencionado na descrição do mérito da proposta, é imprescindível que, para formar o profissional do futuro, a FEI deve estar em permanente sintonia com os grandes temas do futuro, para que seus egressos, efetivamente, compreendam suas atuais demandas e façam parte de suas soluções inovadoras.

Nesse sentido, buscando sintonizar as ações, atitudes e projetos acadêmicos com esta agenda, propõe-se realizar, anualmente, um grande congresso sobre os megatendências e inovação, que envolvam a visão e a experiência de grandes lideranças empresariais, políticas e acadêmicas, sobre as novas tecnologias, tendências e cenários para a solução dos problemas mal estruturados.

Buscar-se-á a construção de uma agenda que envolva os grandes temas para os próximos 20-30 anos no Brasil e no mundo.

Tem-se por objetivo fazer com que as atenções temáticas da FEI sejam permanentemente induzidas e estejam sintonizadas com as megatendências mundiais. O congresso tem como público alvo os alunos dos diversos cursos e períodos, priorizando-se aqueles dos primeiros anos que receberão estímulos para orientar seus interesses acadêmicos e profissionais aos grandes temas do futuro, desde o início do curso.

Aos alunos dos últimos anos será dada a preferência de interação e diálogo com os palestrantes e apresentadores, por meio de atividades específicas durante o evento para orientação de trabalhos e projetos em execução.

Aos professores será dado um espaço especial para poderem se integrar às evoluções mundiais e assim adquirirem o conhecimento necessário para melhor orientar seus alunos.

Inicialmente, o Grupo Orientador estabeleceu os seguintes temas candentes para serem discutidos e aprofundados, ANO a ANO:



Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão em fevereiro/2017, com a participação de professores e colaboradores do Centro Universitário FEI.

- Mobilidade e conectividade
– Novos modelos de convivência urbana
- Segurança alimentar e água
– Acessibilidade e economia dos elementos básicos da vida
- Segurança e eficiência energética – Desenvolvimento individual e coletivo
- Tecnologias para saúde e bem-estar
- Desenvolvimento sustentável
– Economia, inserção social, segurança ambiental.
- Tecnologias de processo: manufatura Avançada - Indústria 4.0, Internet das Coisas, Technology Assessment.

- Tecnologias específicas: fibras e tecidos, logística, recursos, novos materiais.

A primeira edição do Congresso de Inovação e Megatendências 2050 foi realizada entre os dias 10 a 14 de outubro de 2016, tendo como tema Inovações e Internet das Coisas. O evento abordou tópicos de grande impacto para a sociedade de 2050, tais como: as mudanças cotidianas proporcionadas pela IoT, o impacto da Indústria 4.0, o perfil do profissional do futuro, os riscos e as oportunidades trazidas por estas novas tecnologias, o papel da sustentabilidade em um mundo de inovação, o impacto da IoT na qualidade de

vida das pessoas e como será a mobilidade e conectividade na sociedade do futuro.

Os temas foram discutidos por meio de palestras, painéis e mesas redondas para o público em geral, além de atividades e palestras específicas no âmbito dos departamentos e cursos. O congresso foi encerrado com a realização do IV Simpósio de Iniciação Científica, Didática e de Ações Sociais e de Extensão – SICFEI, como forma de incentivar a interação dos alunos com as lideranças presentes e também iniciar um diálogo próximo dos projetos iniciantes com as tendências mundiais.

Os resultados da primeira edição do Congresso, que teve a participação de 1950 pessoas e 5490 presenças nas diversas atividades executadas, foram significativamente satisfatórios:

- Sensibilização dos docentes e dos colaboradores, com estímulo à uma atitude proativa sobre o tema de inovação e, especificamente, sobre IoT;
- Desenvolvimento da autoestima dos discentes pela participação em discussão de temas relevantes;
- Intensificação da visibilidade da FEI no relacionamento com a empresas e com o governo. Nesse sentido, posso destacar:

a) Convite ao Centro Universitário FEI para apresentar seu projeto de inovação como case de sucesso na relação universidade-empresas no 14º Diálogos da MEI (Mobilização Empresarial pela Inovação) / CNI em 07/11/2016;

b) Convite à FEI para compor o Grupo de Trabalho para definir parâmetros para o fortalecimento das Engenharias, conduzido pela MEI, MEC e CNE.

c) Convite ao Reitor para apresentar o projeto de inovação da FEI como estudo de caso no Programa Internacional de Liderança, intitulado Global Challenges for Middle East Universities: Identifying and Responding, em Oman, realizado no dia de ontem, por meio de videoconferência, com o tema “Engaging with Industry and Commerce”.

A edição 2017 do Congresso já está agendada para os dias 09, 10 e 11 de outubro, devendo seguir a dinâmica exitosa das atividades da primeira edição, e terá como tema central: A CIDADE E O CAMPO INTELIGENTES – PARA UMA QUALIDADE VIDA MELHOR.

A proposta preliminar dos tópicos dos painéis é a seguinte:

PRIMEIRO DIA

- Painel 1 – A integração da Cidade e do Campo e suas cadeias produtivas – Oportunidades para o Brasil.
- Painel 2 – Cidade inteligente e as pessoas – Fronteiras da saúde e bem-estar e o desenvolvimento humano: novas metodologias de formação.

SEGUNDO DIA

- Painel 3 – Tecnologias aplicadas ao campo: produção e sustentabilidade.
- Painel 4 – Mobilidade e conectividade urbana e rural.

TERCEIRO DIA

- Painel 5 – Integração campo e cidade: gestão inteligente.
- Painel 6 – Diálogo de gerações: a articulação de inteligências para o campo e cidade.

Formando profissionais inovadores – Projeto INOVA FEI

O Projeto INOVA FEI foi inicialmente proposto para ser

desenvolvido num período de 5 anos, para se ajustar aos projetos pedagógicos dos cursos de Engenharia, oferecendo ao aluno a possibilidade de se formar segundo o novo conceito educacional.

As novas práticas metodológicas e as novas ferramentas para a gestão da inovação, bem como a sua integração com os demais conteúdos curriculares, estão sendo apropriadas nos novos projetos pedagógicos que estão sendo trabalhados no âmbito dos Núcleos Docentes Estruturantes dos cursos. De modo que temos um horizonte de 5 anos para desenvolver a estrutura necessária para a transformação do Centro Universitário FEI em uma das mais inovadoras instituições de ensino do País.

Obviamente, os projetos serão adaptados para os cursos diurnos e noturnos com duração de 4 ou 6, sem prejuízo dos conteúdos e do processo, bem como resguardado o mérito da proposta.

Os primeiros anos serão os

mais relevantes para dar o direcionamento ao processo e superar gradativamente eventuais resistências organizacionais e pedagógicas. Espera-se que ao longo dos 5 anos previstos de integralização do projeto, com a obtenção e divulgação dos resultados, possam ser celebradas parcerias com o setor privado e público para atrair novos talentos e investimentos, e que os TCCs sejam a coroação do processo, buscando dar solução às demandas industriais e empresariais.

O Projeto INOVA FEI foi pensado em consonância com os conhecidos passos do processo inovador e este alinhamento é importante para evitar a dispersão de ações entre as diferentes concepções e metodologias conhecidas de inovação, muitas destas não sistematizadas a partir de um processo criativo direcionado a problemas mal estruturados. E é exatamente este o objetivo do projeto: capacitar o estudante da FEI para ser um solucionador de problemas mal estruturados.

Desse modo, o Projeto INOVA FEI se baseará nos cinco passos do processo de inovação como princípio METODOLÓGICO:

- 1º Passo:* Formulação/Conceituação do Problema
- 2º Passo:* Busca de soluções – Criação e Ideias
- 3º Passo:* Seleção da melhor solução – Critérios e Avaliação
- 4º Passo:* Desenvolvimento da solução – Projeto e Protótipo
- 5º Passo:* Implementação – Introdução no Mercado

As cinco fases do processo criativo, aqui definidos em cinco passos distintos, facilitarão a estruturação dos cinco anos de implantação do projeto, ao se privilegiar o crescente aprendizado do aluno ao longo do processo, articulado com o seu amadurecimento cognitivo e científico.

A gestão da inovação foi e será o maior desafio do processo criativo orientado a resultados,

diferente daquele aberto à casualidade, artístico, espontâneo e pessoal, porém trabalhado de modo não sistêmico. As experiências resumidas em técnicas e procedimentos resumem e racionalizam o processo criativo, fazendo com que o direcionamento possa ser dado em função do problema enunciado.

A sensibilização de todos os atores quanto à concepção adotada para o projeto é fundamental para o bom desenvolvimento do processo. A organização desta concepção deverá ser permeada em todo o grupo docente e discente. Consequentemente, a articulação das lideranças acadêmicas com o Grupo Gestor e com a Diretoria do IPEI, com finalidade de sensibilizar a comunidade acadêmica, elaborar o material didático, organizar workshops e seminários, e acompanhar a implementação do processo, é fundamental para o sucesso do Projeto.

Em síntese, o Projeto INOVA FEI, passo a passo, pode ser assim descrito:

1º ANO – Introdução ao processo de inovação

O primeiro ano do Projeto se concentrará no aprendizado da conceituação do problema. Os alunos do 1º ano do curso aprenderão a enunciar problemas corretamente, a partir da habilidade de se fazer perguntas certas da maneira certa. Eles deverão adquirir a percepção de que “não existe resposta certa para perguntas erradas”. Esta fase poderá ser utilizada para que os alunos também se questionem em quais temas gostariam de contribuir futuramente, introduzindo-os no processo de life planning.

2º ANO - Desenvolvimento de Projetos Básicos de Inovação

Neste segundo ano do projeto, os alunos aprenderão a gerar um projeto inovador partindo de problemas enunciados e, ao desenvolver as ideias, aprenderão a conduzir o princípio do julgamento postergado - deferred Judgment - criando critérios de avaliação e procedimentos de escolhas de possíveis soluções.

3º ANO - Desenvolvimento de Projetos “Didáticos” de Inovação

Os alunos farão escolhas temáticas, a partir dos temas trabalhados nos congressos anteriores sobre Megatendências e Inovação, e desenvolverão projetos “didáticos”, partindo do enunciado até as soluções e sua comercialização. Serão elegidas disciplinas integradoras do período que possam servir de ambiente para esse exercício.

4º ANO – Desenvolvimento de um Projeto Multidisciplinar

Nesta fase, os alunos escolherão um tema que requer uma solução complexa e multidisciplinar, de preferência de alto impacto social.

Os alunos receberão instruções sobre empreendedorismo e projetos nascentes. Serão introduzidos nos conhecimentos essenciais para a gestão de negócios e projetos, bem como terão a possibilidade de conhecerem patrocinadores, órgãos de fomento e fundos auxiliares.

5º ANO - Desenvolvimento de seu próprio Projeto Inovador – TCC

Neste quinto ano, cada aluno deverá escolher o tema que irá desenvolver e introduzir até sua possível comercialização. Este projeto, seguindo as normas vigentes da instituição, constituirá o Trabalho de Conclusão de Curso exigido para as diversas modalidades. É sugerido que o tema seja multidisciplinar e que seja induzido por demandas reais das indústrias e das empresas parceiras, a partir do que estamos chamando de RODADAS EMPRESARIAIS, que consistem em espaços aberto ao diálogo entre alunos, professores e empresários, que proporcionem o alinhamento de interesses de temas.

Concluo dizendo que o modelo proposto não é um modelo fechado. As estruturas metodológicas e a plataforma deverão ser consolidadas à medida que o processo é executado. A eficácia de sua implantação se dará por meio de iniciativas sinérgicas de todos os agentes curriculares; sinergia esta

alcançada por meio da informação, confiança e motivação. Isto é, por meio de um amplo e franco diálogo sobre o tema. Este é, fundamentalmente, o objetivo dessa Semana, organizada pelas mãos das várias lideranças acadêmicas.

Resumo em 5 estados as minhas ideias e as minhas expectativas quanto aos resultados desse trabalho inovador:

Abertura a novas ideias

- A importância de a Instituição estar aberta a novas ideias e a novas soluções. Estado contínuo de tensão criativa!

Partilha

- A convicção de que inovação só é possível se realizada por meio da integração das equipes e da partilha de ideias. Estado de constante iluminação pela sinergia entre pares!

Visão

- A capacidade de manter a equipe motivada pelo poder da visão. Estado de motivação e de paixão pelo que se faz e pelo projeto!

Somos todos criativos

- O reconhecimento de que nossos jovens são naturalmente criativos. Essa não é uma qualidade apenas de gênios, pré ou magicamente concebidos. A criatividade é uma qualidade que pode ser desenvolvida por meio de instrumentos pedagógicos adequados. Estado de confiança na capacidade do aluno!

Pensar por você mesmo!

- Gerar o ambiente acadêmico que privilegie a autonomia do processo. Mais raciocínio SINTÉTICO e menos raciocínio ANALÍTICO. Estado de aprendizagem ativa, que fomenta o protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem! Nossos alunos precisam, urgentemente, pensar por eles mesmos!

Animados por essas 5 imagens, gostaria de introduzir nossos próximos painelistas, questionando-os: de que forma os novos PPCs pretendem proporcionar tais ESTADOS?

Muito Obrigado! ▢

CONGRESSO DE INOVAÇÃO 2017 MEGATENDÊNCIAS 2050 A CIDADE E O CAMPO INTELIGENTES

Por Pe. Paulo D'Elboux, S.J. São Bernardo do Campo, 09 a 11 de outubro de 2017.

O Congresso de Inovação – Megatendências 2050, realizado pela primeira vez em 2016, tornou-se um evento acadêmico fundamental para implantação do Projeto de atualização da FEI e sua presença no campo do empreendedorismo e da tecnologia de ponta.

Em outubro de 2017, professores, pesquisadores, funcionários e alunos novamente voltaram a se encontrar nas dinâmicas do Congresso.

Foram três dias de exposições e debates, com a participação de

representantes do governo, de empresas privadas e jornalistas abordando tecnologias hoje incipientes mas que, em 2050, afetarão profundamente o estilo de vida e comportamento da humanidade.

Em 2017, o olhar volta-se para a cidade e o campo, dois contextos em que a população está distribuída. São duas realidades que se articulam num jogo, produção e consumo, instrumentalizado pelos meios de comunicação com automação cada vez mais avançada e fantástica, reduzindo substancialmente a utilização efetiva da mão de obra.

Como observou o Pe. Peters na abertura, “as cidades atraem as pessoas pelas possibilidades para o atendimento de suas necessidades de vida, de sobrevivência, formação, inserção profissional, desenvolvimento, cuidado da saúde, segurança, serviços ofertados. O campo vem assegurando a continuidade da produção granjeira, agrícola, pecuária, em escala suficiente para a auto sustentação regional, estadual, nacional, internacional”.

À revelia das turbulências políticas, nossa indústria agiliza inovações em todos os campos graças à inventiva criatividade dos



pesquisadores e à autoconfiança dos empreendedores.

No primeiro dia do Congresso, o foco foi a Cidade Inteligente. Através de uma viagem ao tempo, vislumbrou-se o que ocorrerá no futuro.

Com o progresso da mobilidade e conectividade nas cidades, haverá novas soluções para o sistema de segurança e serviços das residências, nas formas de comunicação, e sistema automobilístico.

No campo, com a mecanização e automação, pesquisas e experiências serão criadas novas espécies de grãos, novas tecnologias de plantio e colheita, me-

lhor qualificação e comércio da agroindústria.

Entre os países do mundo, a localização do Brasil na zona meridional, com excelentes condições climáticas, a extensão territorial produtiva e riquezas naturais, conferem ao nosso País a liderança absoluta no setor agropecuário.

Foi uma das questões amplamente comentada pelos debatedores que levavam em consideração a expressiva evolução tecnológica no campo, enquanto o aumento da produtividade e competitividade favorece o desenvolvimento do agronegócio internacional.

Na dinâmica dos painéis, exposições contextualizavam os

temas em debate, seguida de comentários sobre perguntas enviadas pelos participantes.

Ao formalizá-las, o moderador, com habilidade de jornalista de TV, acrescentava um tempero provocativo fazendo com que debatedores se posicionassem.

Em uma outra sessão, denominada “rodas vivas”, os interessados poderiam ter contato com os debatedores para esclarecimentos e informações.

O resultado do Congresso foi perceber que as inovações que estão em processo na cidade e no campo apontam para um futuro imprevisível e fantástico.

O maior desafio recai sobre a Universidade como espaço de estudo e pesquisa da inovação e integração das inteligências e respectivos empreendedores.

Chamou à atenção a observação de que está superada a imagem do Brasil como um País em que grande parcela da população vive e produz no campo e faz da cidade o mercado para seus produtos.

A migração para o meio urbano chega a 65%. Excluindo os assentados e posseiros, boa parte dos que trabalham no campo, reside na cidade ou nela são recrutados os trabalhadores para a colheita ou plantio.

Nas universidades, institutos de pesquisa e empresas estão sendo desenvolvidos projetos de ponta, tecnologias avançadas, de grande alcance social para o agro-negócio, contribuindo para a qualidade da vida, da alimentação, saúde e bem-estar da humanidade e a preservação do planeta.

Uma Instituição do perfil da FEI, ao preparar profissionais

para o amanhã, tem a preocupação de inovar-se.

O Congresso envolveu nos desafios o corpo docente e discente, pesquisadores e colaboradores, com o objetivo de formar empreendedores criativos e competentes, capazes de promover a gestão inteligente com a integração campo-cidade.

As palavras com as quais o Pe. Theodoro Peters encerrou o Congresso, resumem o que aconteceu nesses três dias:

“Estamos muito motivados, ao encerrar o estimulador Congresso da FEI 2017, pela pertinência do tema da cidade e do campo e pelo desafio de ultrapassar o presente, perscrutando as megatendências para construir o caminho do futuro e aplicar a inteligência para as respostas mais adequadas para a cidade e para o campo.

A interlocução desenvolvida intensamente envolveu representantes oficiais do governo, expressivas lideranças industriais e empresariais, formadores de opinião pública, lideranças acadêmicas

docentes e discentes, colaboradores, observadores, vizinhos que aqui acorreram para serem confirmados de que todos podemos ser muito melhores através da recíproca permuta de conhecimentos e experiências, êxitos e insucessos.

A FEI convenceu que viver é conformar continuamente uma comunidade solidária de valores fundamentais: como a própria vida e a sua qualidade, uma comunidade institucional formada de talentos e carismas a serviço do Bem Comum. Razão de muito otimismo para todos os participantes nas várias atividades e dinâmicas propostas e tão bem acolhidas.

Em 2016, a temática abordou a Internet das Coisas que vai entrando, se instalando, modificando, revolucionando, desinstalando hábitos, usos, modos de produzir conhecimento e inovação, de ser e de agir das pessoas e da coletividade. Foi um grande passo na implantação do projeto INOVAFEI – Plataforma de Inovação da FEI.

Em 2017, a abordagem foi a

Cidade: o lugar onde o ser humano mora; vive, convive, se condiciona, exige, necessita, se alimenta, preserva-se, sobrevive, trabalha, repousa, descansa, desfruta a cultura, satisfaz o ócio com passatempos e entretenimentos. Ser humano que se relaciona com a natureza, o semelhante, com Deus. Realiza-se pessoal e familiarmente, exercendo sua ocupação profissional. Fazendo a passagem do conhecimento adquirido e gerado ao saber viver: a Sabedoria, a meditação, o discernimento para a melhor decisão. Sustentabilidade, para ponderar fins e meios.

O outro polo foi o Campo: espaço gerador de vida natural exuberante e diversa – alimentos, energia, renovação, purificação, manancial de fontes e reservas de água. Os dois polos estão articulados para a vida natural e humana.

Como aplicar a inteligência humana para as cidades e para o campo, segundo o critério da qualidade de vida, foi como gastamos o nosso tríduo, imersos

na vida das pessoas nas cidades e nos campos, percebendo a sua mútua dependência e sua sustentabilidade, vislumbrando as megatendências das próximas três décadas. Colocar os saberes, as pesquisas, as projeções, para tornar sustentável a vida de qualidade em 2050, ambiente em que nossos estudantes atuaram ou estarão atuando.

Academicamente, contemplamos a passagem do presente de nossos estudantes para o futuro em busca de qualidade de vida, do bem comum, da sustentabilidade, do sucesso pessoal nos empreendimentos e na inserção familiar e profissional. Convince-mo-nos da oportunidade dos currículos agregarem as atividades complementares ao bom desempenho dos projetos estudantis.

Escancara-se, cada vez mais, a passagem da experiência para o conhecimento, do prazer pela geração de novo conhecimento, sua verbalização, objetivando atingir a Sabedoria empreendedora do bem pensar, agir e viver.

João Evangelista, apóstolo de Jesus, na sua mensagem afirma: jovens, eu vos escrevo porque sois fortes, sois valorosos! Descubram o sentido da própria vida. Façam convergir suas energias para a meta indicada. Quem projeta bem, vence! Respirem otimismo, vida de qualidade, pautem-se pelos valores autenticamente humanos.

Bom feriado nacional para todos. Saudações solidárias pela celebração do dia do Mestre e do Professor, docente, pesquisador, inovador. Ótimo final de semana prolongado. Até segunda-feira, com o otimismo dos bons resultados das próprias reflexões e decisões geradoras de soluções para a vida humana e natural de qualidade sustentável para a humanidade.

Muito grato pela atenção, colaboração e participação criativa e construtiva de todos os estudantes, empresários, industriais, representantes do Estado, docentes, pesquisadores e técnicos do corpo administrativo e profissional.

Parabéns Donato, Rivana, Pavanello, Fábio, Comunidade FEL.” □



FEI RECEBE VISITA DO PADRE GERAL DOS JESUÍTAS

Por Pe. Paulo D'Elboux, S.J. São Bernardo do Campo, 26 de outubro de 2017.

No dia 26 de outubro, a rotina acadêmica do *campus* de São Bernardo do Campo foi quebrada pela presença do Padre Arturo Sosa, S.J., Superior Geral da Companhia de Jesus, ao passar por São Paulo em sua primeira visita como Padre Geral para conhecer as principais obras e atividades dos jesuítas no Brasil.

Veio acompanhado do Pe. Claudio Paul, seu Assistente para assuntos da América Latina; pelo Padre João Renato Eidt, Provincial do Brasil, e pelo Superior da Plataforma Sul-1, Pe. Vicente Zorzo.

A acolhida por toda a Reitoria e membros do Conselho e Chefes de Departamentos proporcionou uma conversa informal, na qual o Pe. Peters, em nome da Fundação, e o Prof. Fábio, como Reitor, agradeceram a visita e apresentaram a FEI e seus projetos.

Depois de inaugurar a placa comemorativa da visita, realizou-se o encontro com os professores, pesquisadores, representantes de funcionários e alunos.

Na abertura, o Pe. Peters saudou o Padre Geral com as seguintes palavras:

“Expresso a honra e a alegria de acolhermos, como Comunidade Universitária, ao sucessor de Santo Inácio

na liderança universal da Companhia de Jesus. Sua eleição na Congregação Geral 36^a sinaliza o sorriso de Deus para a humanidade, coincidindo com o Papa Francisco, latino-americano e jesuíta, no ministério de conciliação e evangelização de toda a humanidade, que aspira respeito, liberdade, condições de viver, refugiar-se, ser acolhida e respeitada, em todas as nações da terra.

Enormes expectativas, esperanças sem limites, exigência profunda de racionalização e orientação das prioridades e preferências apostólicas e de serviço aos mais vulneráveis.

Nossa comunidade universitária deseja ouvir a sua partilha sobre a Missão da Companhia de Jesus, sobre as esperanças depositadas no setor do Ensino, da Pesquisa, da Extensão Social, da inovação.

Nossa comunidade universitária realizou recentemente seu segundo Congresso de Inovação e Megatendências 2050. Foi uma imersão de três dias na busca da melhor qualidade de vida, através da inteligência humana aplicada às cidades, nas quais vive a maior parte da população, e ao campo, em que se produz em escala para a sustentação da mesma. Como a visão do futuro antecipado, pode apoiar a formação a ser oferecida para o estudante cidadão do futuro. Como ensinar a sonhar. Como estimular a criatividade na busca de soluções sustentáveis. Como viver em um mundo diferente, no qual as tarefas repetitivas estão sendo substituídas pela robótica. Como manter o otimismo e a esperança como estado de vida espiritual. São pontos convergentes para os currículos necessários, as estratégias adequadas, as relações saudáveis entre mestres e discípulos buscando o melhor, a verdade, a convivência e a sadia ética pessoal e profissional.

Sei que como Comunidade Universitária poderemos cooperar com seu trabalho de planificação com a eficiência da participação de nossos quadros de qualidade.

Conte com esta sua comunidade acolhendo, promovendo e se valorizan-



do, agregando a Missão da Companhia como sua marca e testemunho.

Esta Casa é a sua Casa!”

O Pe. Arturo agradeceu a calorosa acolhida, manifestando satisfação pelo impressionante trabalho realizado pela FEI em áreas tão especializadas e de expressivo reconhecimento no meio universitário do Brasil.

Na conferência que fez a seguir, destacou a importância que tem a Universidade quando está interessada em dar sua contri-

buição para a sociedade. Ela é a razão de sua existência.

Em seguida, as considerações voltaram-se para o Projeto de Inovação da FEI e como está articulado e em sintonia com a missão da Companhia de Jesus.

Chamou a atenção sobre os desafios e as oportunidades que tem a Universidade jesuíta face às novas tendências da sociedade, enaltecendo o compromisso com a democracia.

Destacou que é seu papel ser um espaço definido pelo plura-

lismo e pela convergência de diversidades que se encontram e dialogam com a sociedade.

Respondendo à pergunta que colocou sobre qual será o caminho deveria tomar para ser fiel a sua identidade e cumprir com sua função no mundo, dizia que, em um mundo globalizado, com luzes e sombras, a tarefa da Universidade é a de “contribuir sig-

nificativamente para a formação de profissionais capacitados para atuar positivamente com criatividade, criticidade e liberdade”.

Concluindo, apontou para sete características primordiais que todo estudante formado por uma Universidade jesuíta deve ter para alcançar uma vida profunda, verdadeiramente humana e cheia de sentido: amor

como serviço, justiça, paz, honestidade, solidariedade, sobriedade e contemplação e gratuidade, em oposição ao pragmatismo e utilitarismo.

Quando terminou, o Pe. Arturo Sosa já tinha conquistado a admiração e estima de todos pela objetividade de seu pensamento e sobretudo, pela sua simplicidade e simpatia. □



Pe. Arturo Sosa Abascal

Nasceu em Caracas, Venezuela, em 1948. Ingressou na Companhia de Jesus em 1966 e foi ordenado sacerdote em 1977. Desde a formação para o sacerdócio, teve uma longa trajetória de dedicação ao ensino e pesquisa, ocupando diversos cargos e funções acadêmicas. Foi professor e membro do Conselho da Universidade Católica Andrés Bello e, por dez anos, Reitor da Universidade Católica de Táchira. É Doutor em Ciências Sociais e Políticas, com participações frequentes nas atividades acadêmicas das Universidades e Centros de Pesquisas Sociais e Políticas da Venezuela e dos Estados Unidos. Tem vários livros com temas relacionados à história e política venezuelana. Foi Provincial dos jesuítas da Venezuela. Quando eleito para Padre Geral, em 2016, era superior das casas e obras interprovinciais dos jesuítas, em Roma: a Universidade Gregoriana, o Pontifício Instituto Bíblico, o Pontifício Instituto Oriental, o Observatório Vaticano, a revista Civiltà Cattolica.

Por ocasião da primeira visita ao Brasil no exercício da função de Superior Geral da Companhia de Jesus, para participar do Congresso Internacional dos Delegados de Educação, promovido pela FLACSI – Federação Latinoamericana dos Colégios Jesuítas, realizado no Rio de Janeiro (16-20 de outubro), pôde visitar as principais obras da Companhia no Brasil.



Companhia de Jesus

Também conhecida como Ordem dos Jesuítas, fundada pelo basco Inácio de Loyola e aprovada oficialmente pelo Papa Paulo III, em 27 de setembro de 1540. Nesses mais de 470 anos de história, sempre se destacou pelo forte trabalho missionário, indo às fronteiras das dificuldades sociais.

Atualmente, cerca de 16 mil jesuítas atuam em torno de 100 países dos cinco continentes. Ao longo da história, têm colaborado com a transformação da sociedade por meio da espiritualidade, da promoção social, do diálogo intercultural e inter-religioso, do serviço da fé e da promoção da justiça. Oferecer educação de qualidade é outra marcante característica da Companhia de Jesus, responsável pela produção de conhecimento para o desenvolvimento social através da pesquisa científica e do aprofundamento intelectual.

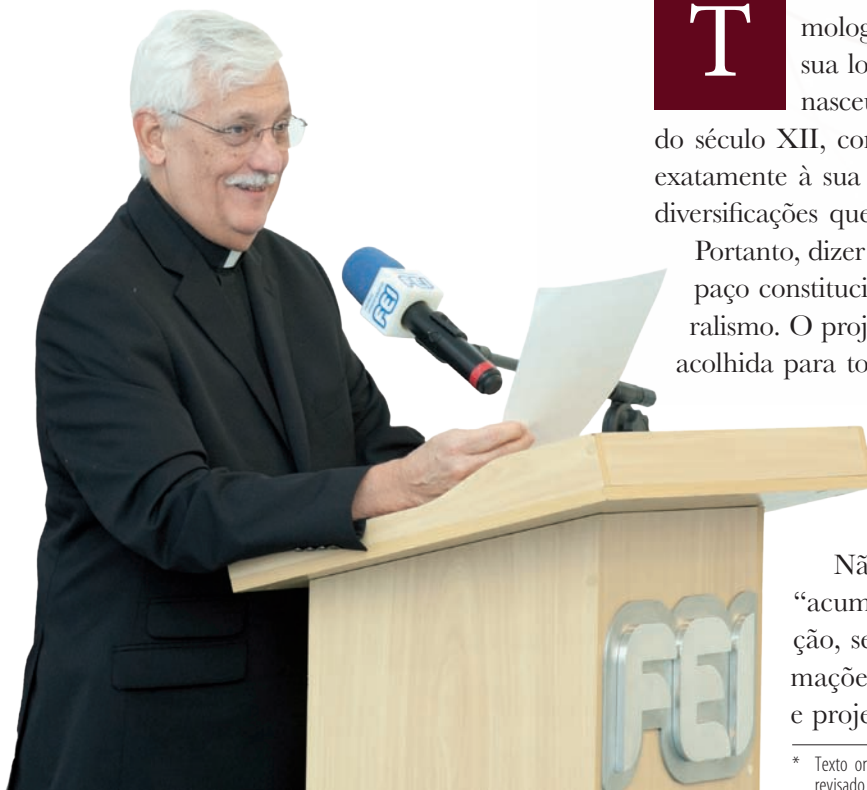
NO BRASIL

Os primeiros jesuítas desembarcaram no Brasil, liderados por Manuel da Nóbrega, em 1549 – apenas nove anos após a Companhia de Jesus ser aprovada pelo Papa Paulo III. Vindos com Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil Colônia, os religiosos foram pioneiros no trabalho de educação dos descendentes de portugueses e nativos. Entre os jesuítas ilustres que atuaram aqui, estão os padres José de Anchieta e Antônio Vieira.

Com marcante influência histórica e social no país, a Companhia de Jesus esteve à frente da fundação de escolas, igrejas e cidades. Os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, por exemplo, foram os responsáveis pela criação do Colégio de São Paulo de Piratininga, hoje Pátio do Colégio. Atualmente, são mais de 400 jesuítas atuando em quase todos os estados brasileiros, nas áreas da Educação, Social, Espiritualidade, Serviço da Fé, Juventude e Vocacional, entre outras.

COMPROMISSOS DE UMA UNIVERSIDADE JESUÍTA

Conferência do Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Arturo Sosa, durante a visita ao Centro Universitário FEI, em 26 de outubro de 2017.*



Tomando como referência não só a etimologia da palavra, mas também a sua longa história, essa instituição, que nasceu no final do século XI e início do século XII, como “Universidade”, corresponde exatamente à sua identidade pela convergência de diversificações que nela se encontram e dialogam.

Portanto, dizer “Universidade” é falar de um espaço constitucionalmente definido pelo seu pluralismo. O projeto de uma Universidade oferece acolhida para todas as correntes do pensamento, para toda produção intelectual e para todos os saberes humanos. Nada do que vivemos pode ficar fora de seu horizonte.

Não se trata, porém, de um simples “acumular” ideias, técnicas e produção, se a convergência de tantas informações, experiências, técnicas, saberes e projetos forem colocados um ao lado

* Texto original em espanhol traduzido por Pe. Paulo D’Elboux, S.J. e revisado por Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes.

do outro. Teríamos um depósito, um armazém e não uma Universidade. Na Universidade, esses saberes e ideias encontram-se e dialogam muitas vezes em duros e difíceis confrontos. Todos os que nela convivem e lhe dão vida, uma alma, partilham do mesmo interesse: buscar a verdade, criar e transmitir conhecimento.

A Universidade quer ser um espaço de comunhão, de intercâmbio, de colaboração, de comunicação dos que fazem parte de sua vida. Ao mesmo tempo, está em íntima relação com a realidade social em que está inserida. Uma Universidade não será fiel a si mesma, a seu projeto institucional, se viver isolada da sociedade, fechada aos seus questionamentos, surda às chamadas, insensível aos problemas, indiferente aos acontecimentos.

A Universidade que deseja ser fiel à sua identidade, cumprir realmente seu papel no mundo, tem uma vida sobre a qual repercutem as tensões e incertezas do nosso tempo, os sofrimentos das pessoas e dos povos, o fracasso dos projetos humanos, inclusive das pressões polarizadoras da realidade social. As dificuldades e tensões do mundo são as dificuldades e tensões para as quais deseja dar uma resposta. No entanto, elas não são algo que a Universidade trata com a postura de neutralidade impossível, de uma pretensa “objetividade científica”. Ela pode ajudar na compreensão e enfrentamento porque também as experimenta e sofre.

Esta é uma razão a mais para aceitar a tarefa

de transformar a Universidade nesse lugar privilegiado no qual se reconhece que o caminho do diálogo e da negociação não só é possível, mas o mais acertado. Em primeiro lugar, para ela própria e também para a sociedade, pois é nela e a partir dela que a Universidade executa seu projeto como local de convergência de saberes e conhecimentos. Por isso, uma Universidade, quando é verdadeira comunidade, torna-se referência eloquente para o povo, o governo e o país.

Creio que nosso tempo pede à Universidade que tenha como norte de seu caminho e orientação de seu futuro a formação de pessoas íntegras, quer dizer, uma formação que leve em consideração as múltiplas dimensões da complexa, e por isso maravilhosa, “tarefa” de “fazer-se humano”. Uma Universidade que contribua significativamente para a formação de profissionais capacitados para participar positivamente, com criatividade, espírito crítico e liberdade, de um mundo que vive com luzes e sombras o fenômeno da globalização. Uma formação que leve seriamente em conta a tarefa urgente de criar e estabelecer novas relações com a natureza, com este cada vez mais sofrido e ameaçado planeta Terra, transformando esse desafio em prioridade da sua missão de criar e transmitir saberes.

Acrescente-se que, com frequentes conflitos, a realidade nos leva a desejar uma Universidade que contribua para uma nova relação com a sociedade e entre os povos. O Papa Francisco tem repetido

que a Terceira Guerra Mundial já está acontecendo, espalhada pelo mundo em conflitos de maior ou menor proporção. A Universidade que tem presente a realidade, como teve a Congregação Geral 36, da Companhia de Jesus, estaria consciente se “por uma parte, [virmos] a vibração da juventude que busca uma vida melhor, o prazer da beleza da criação e as diversas formas pelas quais muitos colocam suas qualidades ao serviço dos outros. Vemos também que o mundo enfrenta muitas carências e desafios. Em nossa mente estão vivas as imagens de populações vítimas da violência, excluídas da sociedade, marginalizadas. A Terra ressen-te-se do dano que os seres humanos lhe têm causado. A própria esperança está ameaçada e seu lugar está sendo ocupado pelo medo e pelo ódio”¹.

A mesma Congregação Geral recorda as palavras do Papa em sua encíclica “*Laudato Si'*”²: “não há crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental. Essa única crise de proporção mundial tem sua origem no modo como as pessoas usam – e abusam – das populações e das riquezas da terra. Uma crise de profundas raízes espirituais”³.

Inserida na realidade, a Universidade está obrigada a conhecê-la em sua complexidade, a pensá-la com profundidade, quer dizer, ir contra a superficialidade e a simplificação corrente, evitando

análises fracas, respostas inócuas, reações equivocadas, que pioram os problemas em vez de contribuir para a solução.

Por outro lado, deve-se ter presente que uma Universidade profundamente enraizada na realidade imediata de seu tempo e lugar, pela própria natureza, tem um horizonte que supera o momento atual e as fronteiras do lugar ou país em que se situa. Se queremos uma Universidade verdadeira, seu desenho não pode limitar-se a responder às exigências do momento atual do Brasil ou de algumas ideologias políticas em confronto. Ela é aberta para a universalidade.

Não há dúvida de que está a serviço da sociedade. É um serviço público. Necessariamente relaciona-se com o Estado, porque tem responsabilidade e obrigação de oferecer um determinado tipo de serviço. Contudo, a relação Universidade e Estado deve levar em conta o reconhecimento da autonomia universitária. É uma dimensão necessária para que a Universidade possa atingir seus objetivos. É garantia do direito à educação numa relação em que cada instituição, Universidade e Estado, cumpre sua missão específica na sociedade. É garantia de que, em sua vida acadêmica e científica, acolhe realmente todas as correntes de pensamento que compõem a complexidade do tecido social, sem exclusão de ninguém, sem ceder, por pressão, às imposições do Estado ou de algum grupo do poder. É espaço de convivência, respeito, tolerância e civismo.

A Universidade, com inspiração na milenária

1 Congregación General 36ª (CG 36), D. 1, n. 1.

2 *Laudato Si'*, 139

3 CG 36, D. 1, n. 2



Prof. Dr. Fábio do Prado, Reitor do Centro Universitário FEI, Pe. João Renato Eidt, S.J., Provincial da Província do Brasil (BRA), Pe. Arturo Sosa, S.J., Superior Geral da Companhia de Jesus, Profa. Dra. Rivana B. Marino, Vice-reitora de Extensão e Atividades Comunitárias e Pe. Theodoro Peters, S.J., Presidente da FEI (esq. p/ dir.).

tradição educativa e universitária da Igreja Católica, tem como propósito que seus egressos sejam não só profissionais competentes nas respectivas áreas de atuação, pesquisadores responsáveis e comprometidos com a ciência, mas também pessoas sensíveis ao sofrimento da humanidade, solidários com os que vivem na pobreza e em situações desumanas. Como o Papa Francisco nos recordava no seu encontro com os jesuítas reunidos para a Congregação Geral 36: “misericórdia não é algo abstrato, mas um estilo de gestos concretos e não de meras palavras”. Ao que a Congregação acrescenta: “para nós, jesuítas – incluo aqui todos vocês que fazem parte da comunidade universitária da FEI – a compaixão é ação, uma ação discernida em comum. Mais ainda, sabemos muito bem que



não existe verdadeira familiaridade com Deus se não permitirmos que, tanto a compaixão como a ação, nos levem ao encontro com Cristo que se revela nos rostos sofridos e vulneráveis das pessoas e, naturalmente, nos sofrimentos da criação”⁴.

Se focarmos esse horizonte, nossos egressos serão mulheres e homens comprometidos com o esforço de muitas pessoas e instituições a favor de uma justiça social que consegue finalmente ver superadas as causas da miséria e exclusão. Serão pessoas conscientes de seu papel na sociedade, e, portanto, com alto grau de responsabilidade democrática. Serão pessoas preocupadas com o destino da Criação.

A Proposta do Projeto INOVA-FEI

Esta reflexão está em plena sintonia com o Projeto de Inovação lançado pela FEI neste ano, para melhorar ainda mais a qualidade de sua missão

4 CG 36, D. 1, n. 20

educativa e investigativa. No Plano de Desenvolvimento Institucional 2016-2020, a FEI confirma de-sejar “ser uma instituição inovadora da Educação Superior com prioridade nas áreas da Tecnologia e Gestão, reconhecida nacional e internacionalmente por formar profissionais altamente qualificados, promovendo, ao mesmo tempo, a geração, difusão e transferência do conhecimento, contribuindo par uma sociedade mais humana e justa”⁵.

Com a aplicação do Projeto INOVA-FEI, espera-se que, em cinco anos, ela se torne uma das mais inovadoras instituições de Ensino Superior no país. É o que todos desejamos! O projeto sonha com um centro de estudos universitários multidisciplinar, conectado internacional e globalmente, atento aos grandes temas do futuro, com criatividade, atitude empreendedora e claros processos de gestão.

Recebi, com muito interesse, as informações sobre o Congresso de Inovação e Megatendências 2050 que a FEI está organizando. Os temas abordados são de grande atualidade e transcendência:

- ✓ Impacto da “Internet das Coisas” e a “Indústria 4.0”;
- ✓ As aplicações e oportunidades das novas tecnologias e o papel de seus profissionais;
- ✓ A mobilidade e conectividade da nova sociedade que está se formando;
- ✓ A inteligência a serviço da cidade e do campo.

⁵ PDI, p.13.

Há também outros temas sobre os quais a comunidade acadêmica da FEI deseja dar atenção:

- ✓ Alimentos saudáveis, água, recursos energéticos;
- ✓ A tecnologia aplicada à saúde e ao bem-estar;
- ✓ O desenvolvimento sustentável;
- ✓ As novas tecnologias industriais e seus processamentos.

São questões importantes para as próximas décadas, para o Brasil e o mundo. Isso nos permite ver que a FEI é uma instituição que está integrada a seu tempo e lugar, mas com o olhar que vai mais longe, capaz de ler os sinais dos tempos e antecipar-se aos novos desafios.

O projeto INOVA-FEI propõe várias metas. Tomo a liberdade de destacar algumas que confirmam sua sintonia com os pontos sobre os quais me referi no início da conferência:

- ✓ Desenvolver uma formação com base na ética e nos valores cristãos;
- ✓ Capacitar os estudantes para a solução de problemas que exigem o domínio do processo criativo;
- ✓ Gerar a cultura da inovação atenta às oportunidades e em diálogo com a sociedade;
- ✓ Aplicar processos de aprendizagem ativos e multidisciplinares aproveitando-se das novas tecnologias;



- ✓ Articular conhecimento e investigação ao contexto da vida dos estudantes;
- ✓ Abrir-se para novas culturas, chegar até os limites das fronteiras;
- ✓ Integrar currículos e pesquisas;
- ✓ Ampliar a colaboração com outras instituições particulares e públicas;
- ✓ Desenvolver o diálogo entre a academia, as empresas, as indústrias e organismos estatais.

Este elenco de metas favorece-me tocar em um tema que, como latino-americano, marca a realidade de nosso continente. Trata-se de uma dimensão

da vida sem a qual nossos projetos de colaboração, de pesquisa e de atuação na sociedade podem encontrar barreiras insuperáveis. Proponho uma reflexão sobre a necessidade de garantir um espaço da convivência social sob a marca da democracia.

A Vida na Democracia

A Congregação Geral 36 deu como título para seu primeiro Decreto “Companheiros da Missão de Reconciliação e Justiça”. Esse documento é o resultado de um trabalho prévio feito nas 86 Províncias e Regiões da Companhia, em mais de 120 países, buscando respostas para identificar os apelos que o

Senhor nos faz a partir da realidade do mundo. As que chegaram à Cúria Geral, em Roma, sinalizavam claramente para um chamado especial para participarmos da obra da Reconciliação que Deus está realizando em nosso mundo ferido. Mostra-se em três dimensões distintas: a reconciliação com Deus, a reconciliação entre as pessoas e a reconciliação delas com a Criação.

Ao abordar o exigente e complexo desafio da reconciliação entre as pessoas, chamava a atenção da Companhia para o “fundamentalismo, a intolerância e os conflitos étnico-religioso-políticos como fontes de violência. Em muitas sociedades, verifica-se um nível de conflito e polarização frequentemente dando origem a violências escandalosa, porque encontram justificativas em convicções religiosas deformadas”⁶.

Para enfrentar essa realidade de violência e suas consequências, para preparar caminhos que podem levar e conduzir a processos de reconciliação, de justiça e de paz, nos sentimos chamados a trabalhar com seriedade para uma verdadeira democracia.

A constituição de um país, de uma sociedade, de um regime político democrático será o resultado de muitas pessoas que optaram por eleger esse estilo de vida. Esse estilo de vida implica em:

- Conceber e viver as relações de poder como um serviço para uma qualidade de vida para todos, especialmente dos mais empobrecidos, e não

como ocasião de garantir vantagens e privilégios para grupos que detêm a riqueza e o poder;

- Cada um colocar as qualidades próprias e as capacidades adquiridas – em nosso caso, uma formação universitária de qualidade – em função de impulsionar a justiça social, desenvolver a consciência política, contribuir para a participação responsável nas questões públicas, pelo fortalecimento das instituições e da sua responsabilidade social;
- Valorizar a verdadeira política, isto é, a atividade necessária para a vida em uma sociedade pluralista, capaz de resolver os problemas num clima de tolerância e inclusão;
- Buscar modos autênticos de descentralizar o poder político para fortalecer a democracia a partir dele. O poder das instituições do Estado deve estar nas mãos do povo, como um conjunto de cidadãos responsáveis pelo bem comum. Só assim um regime político pode ser chamado de democrático;
- Aproximar as instituições públicas da população pela de informação e transparência, de modo que possa ser exigida a prestação de contas de seu funcionamento, a qualidade do serviço prestado e a eficiência no uso dos recursos que administram em nome e em benefício da sociedade;
- Descentralizar também os processos de decisão, como forma de se reconhecer a diversi-

⁶ CG 36, D. 1, n.27



dade com que se apresentam e assim atender às necessidades específicas de cada região, ao mesmo tempo que fica enriquecida a variedade de forma de participação do povo em toda sua rica variedade.

Diálogo e Democracia

A Congregação Geral 36 afirma: “Nossas obras educativas, de todos os níveis, os nossos centros de comunicação e pesquisa social devem contribuir para a formação de homens e mulheres comprometidos com a reconciliação, capazes de superar os obstáculos que ela encontra e propor soluções. O apostolado intelectual deve ser fortalecido para ajudar a transformação de nossas culturas e nossas sociedades”⁷.

Um dos maiores desafios talvez seja o de garantir a possibilidade do diálogo, especialmente o difí-



cil diálogo entre posições e grupos que tendem a se fixar em posições extremas, polarizadas e fechadas.

Para que se estabeleça um verdadeiro diálogo, o primeiro passo necessário é desarmar os “atos reflexos” que os processos de polarização formam na sociedade e que nos levam a franzir a testa, com sinal de desconfiança e ceticismo, quando quem fala “diálogo” é do lado oposto ao meu, perdendo-se de vez a oportunidade, interpretando como tática maldosa para enganar quem sinceramente deseja dialogar.

Em nossa tradição espiritual, há uma famosa passagem, no início dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio chamado “Pressuposto”, que diz: “todo bom cristão está mais pronto a salvar uma proposição do próximo do que a condená-la. Se não pode justificá-la, pergunte como é que ele a entende; se a entende mal, corrija-o com amor; se isso não basta, procure todos os meios convenientes para que a entenda bem e assim se salve”⁸.

7 CG 36, D. 1, n. 34

8 Ignacio de Loyola, Exercícios Espirituais, 22

Uma segunda condição para o diálogo é haver paridade de condições entre os interlocutores. Para conseguir essa paridade, é preciso abandonar os rótulos que transformam as partes em inimigos. Somente se assumir essa atitude de reconhecer o outro como alguém que participa da mesma humanidade comum a todos nós, é que posso incluí-lo no diálogo. Podemos permitir que se sente à mesa, seja bem servido, ainda que não partilhemos das mesmas ideias, percepções e interpretações da realidade, dos mesmos projetos políticos, inclusive sendo adversários, mas adversários leais.

A violência, a anarquia, a guerra não podem ser consideradas alternativas sociais e políticas para o diálogo. São o fracasso da Palavra, e, portanto, o fracasso da humanidade, do projeto humano. É indispensável que se tenha consciência disso antes de recusar o diálogo por suspeitar de quem o propõe porque a proposta pode ser uma armadilha, ou por receio de que se abra a porta da jaula da polarização em que estamos.

Cortar o diálogo é entrar por um caminho que aguça o conflito, alimenta a violência, provoca a agressão, desencadeia a guerra, faz-nos deslizar pela ladeira da anarquia, sempre com inimagináveis custos humanos para esta e futuras gerações.

O Diálogo nos faz Melhores

O diálogo requer transparência no falar, na escuta receptiva e em ambas ao mesmo tempo, para

que não se torne em diálogo de surdos, no qual os interlocutores não se levam a sério ou não prestam a atenção, ou diálogo de sonolentos, sem conversa normal e coerência lógica.

O diálogo se nutre da imaginação e da criatividade para encontrar o melhor modo de estabelecer uma relação inclusiva, salvando e reconhecendo as diferenças. Por isso, a necessidade de preparar-se para um diálogo do qual se espera um resultado positivo. Como mais uma vez afirma a Congregação Geral 36: “não queremos colocar uma esperança simplista e superficial. Pelo contrário, como insistiu o Pe. Adolfo Nicolás, nossa contribuição deve distinguir-se pela sua profundidade na interiorização, uma profundidade na reflexão que nos faz compreender a realidade mais a fundo e ser eficazes ao seu serviço”⁹.

Só assim podemos evitar o perigo fatal do diálogo se tornar uma comunicação que fica na superfície, marcado pela discussão movida pela paixão, mas sem compaixão. Somente uma séria e profunda preparação, somada a uma sincera disposição, permitem que as partes envolvidas cheguem às questões de fundo. No campo político, o diálogo é, ao mesmo tempo, condição *sine qua non* e o primeiro passo para a negociação entre os diversos atores e os interesses legítimos que existem na sociedade.

Tem capacidade de abrir novos horizontes. Através dele, vislumbram-se novas possibilidades

⁹ CG 36, D. 1, n. 33



que permitem a cada um dos interlocutores sair de sua posição inicial e superar o círculo estreito de sua própria visão e interesses particulares para o plano do bem comum.

Permite fazer distinção entre a discussão verdadeira e os falsos debates. Em uma negociação que tem como fundamento a disposição de dialogar, não vence quem impõe sua posição ou “ganha” a discussão, mas quem é capaz de ceder sua posição, não por se sentir pressionado, ameaçado, mas porque sabe que somente assim consegue chegar a um campo no qual todas as partes envolvidas no diálogo poderão se encontrar e sentir-se bem, e ninguém sairá da negociação com o gosto amargo do fracasso ou da derrota.

As novas formas e tecnologia de comunicação – que hoje e mesmo há poucas décadas não se podia imaginar, superam as distâncias, tornam possível a

circulação de um fantástico volume de informações – têm também esse desafio: fazer do diálogo o centro das relações entre nós, independentemente da cor, ideologia, pensamento, raça, religião ou cultura.

Perguntemo-nos, então: como a comunicação que não fica na superfície pode ajudar, a nós e a nossos adversários, a encontrar e conhecer melhor esse campo no qual podemos coabitar e que hoje não vislumbramos? Como sintonizarmos com essa dimensão emergente da humanização ligada à democracia e à liberdade, que não será possível se não valorizar o pluralismo como condição normal da sociedade?

A Companhia compreende que a Reconciliação está no coração de sua missão. Desde o início, no documento fundacional, a Fórmula do Instituto de 1550, está escrito que, entre outras coisas, a Companhia foi criada para “reconciliar os

desafetos”¹⁰. Mais recentemente, a Congregação Geral 32 formulou a missão como “o serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui-se em exigência absoluta enquanto faz parte da reconciliação dos homens, exigida pela reconciliação dos mesmos com Deus”¹¹.

Por conseguinte, sem diálogo não existe possibilidade de vida democrática. Sem diálogo, também não há caminho para a reconciliação. Por outro lado, sem os esforços para a reconciliação, que implicam no resgate da justiça, não pode haver uma estrutura de vida democrática suficientemente capaz de suportar os conflitos internos da sociedade. Desta forma, democracia, diálogo, reconciliação e justiça fundem-se em único serviço e no mesmo esforço para alcançar e garantir a paz. Nessa tarefa, a Companhia deseja empregar o melhor de sua força e nisso quer contar não só com as obras e instituições sob sua responsabilidade ou com as que tem vínculos estreitos, mas também com a Igreja que, sob a liderança do Papa Francisco, empenha-se decididamente para que este sonho se concretize e com todos os setores da sociedade que desejam igualmente colaborar e caminhar juntos, na mesma direção.

Isto nos dá oportunidade para uma breve reflexão sobre a responsabilidade cidadã dos egressos de uma instituição universitária de inspiração inaciana e jesuítica.

Cidadãos Responsáveis

Cidadania é a dimensão pela qual a pessoa se reconhece como parte de uma relação complexa com outras que compõem a comunidade humana. É sentir-se parte integrante e participativa da “cidade” (por isso “cidadão”) e da “polis” (daí “político”). A cidadania, portanto, implica a identificação de alguém com algo que é maior que ele mesmo, mais abrangente que os interesses individuais, que são sempre parciais e limitados. Abre os olhos de cada um para o horizonte da comunidade, da sociedade, coloca-o na perspectiva do bem comum e da responsabilidade pessoal pelo que é coletivo, pelo que é “res publica”, pelo que é de interesse e traz benefício para a coletividade.

Por isso, a cidadania é a face da existência pela qual o indivíduo se torna pessoa quando reconhece os outros como seus iguais em questão de dignidade e direitos, não mais como seres inferiores e desprezíveis, que deveriam ser eliminados porque não merecem conviver conosco, nem como concorrentes ou potenciais inimigos a serem eliminados porque são uma ameaça. A consciência da cidadania faz-nos a ver os outros como pessoas que, a partir da sua diversidade, comportam-se numa vida em comum como companheiros de caminhada, tão necessários para que todos tenham uma vida plena.

Na perspectiva da educação universitária como apostolado intelectual, como é nosso caso, a cidadania está intimamente vinculada, em primeiro lu-

¹⁰ Formula Instituti Societatis Iesu, 1550.

¹¹ Congregación General 32ª (1975), D. 1, n. 1.



gar, à atividade profissional, realizada com profundo sentido do humano, do respeito e interesse pela humanidade, e não por simples desejo de lucro ou prestígio mundano.

Desejamos levar para a formação dos verdadeiros cidadãos, conforme a tradição da Companhia de Jesus, o objetivo que o Pe. Arrupe sintetizou numa expressão muito feliz: homens e mulheres para os outros. Aí está o núcleo do que queremos, a meta para onde devem convergir todos nossos esforços, projetos e estratégias. Aos que concluem a formação superior em instituições que se inspiram na tradição e espiritualidade inaciana, queremos que lhes “doa”, que lhes toque a vida de todos, que se envolvam no trabalho pelo Bem Comum, porque consideram sua participação na atividade pública como algo do qual não podem se desligar se desejam levar uma vida coerente e com sentido.

Quem se formou em uma Universidade que se configura pela tradição educativa e universitária da



Companhia de Jesus é, portanto, uma pessoa íntegra, “inteira”:

- consciente dos valores éticos que orientam a vida pessoal e pública, como também o exercício da sua vida profissional e atividade de pesquisador;
- aberta para a transcendência, motivada para o crescimento da dimensão espiritual, porque experimentou a profundidade e abertura para o infinito, próprias da existência humana;
- sensível aos problemas atuais da comunidade e desejosa de fazer a sua parte na procura de soluções;
- comprometida como cidadão, cidadã, porque consciente da sua responsabilidade na busca do Bem Comum;
- capaz de inovar em todas as dimensões da vida, porque assimilou a dinâmica do magis, própria da espiritualidade inaciana, deixando-se “inco-

modar” pela pergunta: como posso fazer mais e melhor?;

- empenhada, por causa disso, no processo de formação permanente, porque tem ideia clara do muito que não sabe e está motivado a continuar aprendendo e partilhando os conhecimentos.

“A FEI tem bem claro seu objetivo de preparar os estudantes do melhor modo possível para enfrentar os grandes desafios do presente e do futuro. Para consegui-lo, busca a articulação sempre mais afinada com as tecnologias, processos e gestão, sempre de forma multidisciplinar e universal.”

A pesquisa científica e tecnológica, o desafio do desenvolvimento exigem de nós cada vez mais inovação e criatividade, como também a avaliação constante de seu impacto com a realidade.

Como instituição de inspiração cristã e inaciana, esse impacto deve começar na própria comunidade acadêmica, no seu modo de viver e conviver.

Conclusão: O Ex-aluno da FEI

Como conclusão, gostaria de apresentar-lhes o que vemos como características naquele que se for-

mou em uma Universidade jesuíta e que, pelo comportamento público e privado, manifesta os valores que alimentaram sua formação.

- ♦ **Amor como serviço** em um mundo egoísta e indiferente. Amor que se coloca mais nas obras do que nas palavras, como diz Santo Inácio e São Paulo descreve: é paciente, prestativo, não é invejoso, não busca as aparências, não é orgulhoso, nem mesquinho, não se irrita, releva as ofensas e as perdoa, nunca se alegra com a injustiça, mas sempre com a verdade. Aguenta tudo, tudo crê, tudo suporta.
- ♦ **Justiça** diante da exploração e falta de respeito à dignidade dos mais frágeis e necessitados que acabam sendo excluídos da convivência social. A justiça social favorece superar as dinâmicas socioeconômicas pelas quais uns poucos se apropriam do que deveria ser de todos. É o que certamente acontece no Brasil e na América Latina, onde clama ao céu a desigualdade entre os grupos sociais dos mais ricos e dos empobrecidos!
- ♦ **Paz**, em oposição à violência que se impõe nas relações entre as pessoas, grupos e comunidades, como instrumento para os mais fortes ou agressivos conseguirem seus objetivos a qualquer preço.
- ♦ **Honestidade** frente à corrupção que tão sutil e facilmente se instala em todas as dimensões de nossa vida social, universitária e profissional, ao



ponto de nos parecer “normal” que uns tirem vantagem sobre os outros, abusando do poder e autoridade que a comunidade lhes conferiu.

- ♦ **Solidariedade** frente ao individualismo crescente que nos isola dos outros e nos faz alheios a nós mesmos; solidariedade que se opõe à competição que nos converte em inimigos em vez de colaboradores; solidariedade que se opõe à insensibilidade e ao indiferentismo com as necessidades e sofrimentos dos outros, prejudicando desta forma nossa própria capacidade de ser humanos.
- ♦ **Sobriedade**, em oposição a uma sociedade que facilmente se deixa seduzir pelo consumismo e se modela por uma “cultura” do descartável, que gera pobreza e ameaça o equilíbrio ecológico e a saúde do planeta.
- ♦ **Contemplação e gratuidade**, em oposição ao pragmatismo e utilitarismo que reduzem a



pessoa ao que faz e ao que tem, tolhendo o horizonte de sua vida, aprisionando-a na imediatez de uma existência superficial, agitada, aborrecida, sem sentido.

Como sabem, viver esses valores não lhes assegurará uma vida fácil e tranquila, porque orientar a própria vida com base neles coloca-nos, muitas vezes, contra a corrente das tendências – infelizmente maioritárias – na sociedade.

É verdade que não será uma vida cômoda, fácil e tranquila; será, porém, uma vida bem curtida, bonita, verdadeiramente humana e cheia de sentido, no final da qual cada um poderá dizer que valeu a pena tê-la vivido! □

*Pe. Arturo Sosa, S.J.,
Superior Geral da Companhia de Jesus*

DESAFIO DA ÉTICA ENTRE O PRIVADO E O BEM COMUM

A proposta deste pequeno ensaio é refletir como a filosofia, especialmente a que é feita em diálogo com a fé católica, pode ser uma esperança de diálogo na sociedade de hoje, tão marcada pelas intolerâncias e sectarismos. Aproveitando minha participação neste ano, entre os dias 4 e 9 de julho, no V Congresso Internacional da Conferência Mundial de Instituições Universitárias Católicas de Filosofia (COMIUCAP), em Bogotá, cujo tema foi Los desafios de Babel: postsecularismo, pluralismo e democracia, pretendo esboçar algumas discussões que por lá foram tratadas.

A COMIUCAP (sigla oriunda do francês Conference Mondiale

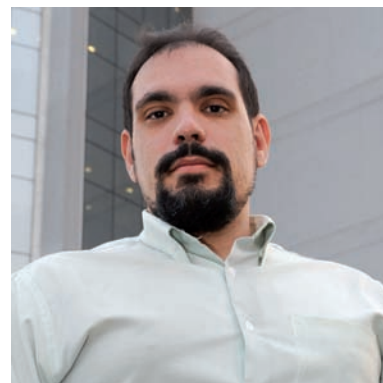
des Institutions Universitaires Catholiques de Philosophie) foi criada em 2000, com seu primeiro congresso realizado em Paris. Seu propósito é aprofundar as teses lançadas por João Paulo II em sua encíclica *Fides et Ratio* (1998)¹, que visa resgatar o diálogo entre fé e razão através das investigações filosóficas. Nesse espírito, escolhi uma relação de duas categorias muito importantes, tanto para a história da filosofia quanto para a compreensão de nosso tempo: o universal e o particular.

¹ http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html

Prof. Dr. Diego Genu Klautau

Doutor em Ciência da Religião e Professor do Depto. de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário FEI

“A proposta deste pequeno ensaio é refletir como a filosofia, especialmente a que é feita em diálogo com a fé católica, pode ser uma esperança de diálogo na sociedade de hoje, tão marcada pelas intolerâncias e sectarismos.”





Desde o começo da tradição de Sócrates, Platão e Aristóteles, esse tema perpassou por diversas investigações, se desdobrando em minúcias e complexidades que produziram grandes obras do pensamento e, concomitantemente, fortes agitações sociais e transformações políticas e culturais na história da humanidade. De fato, a base do que chamamos de ciência é tributária dessa questão, pois foi a partir desse esforço que buscamos discernir a aparência da essência, o que é mutável daquilo que é permanente, o que é ilusório do que é verdadeiro. Encontramos nessa diferenciação a segurança do conhecimento que não depende da opinião, que escapa das mistificações e das manipulações, nos livra dos enganos e das su-

perstições, ao mesmo tempo em que nos livramos das generalizações infundadas, superamos a arbitrariedade diante das questões singulares e nos permitimos observar exceções, idiosincrasias e singularidades.

Ao perseguir a verdade que



não está limitada ao contingente, a filosofia alarga nossa percepção da realidade. Ao buscar aquilo que não passa, esse trabalho muitas vezes se mostra inalcançável e fadado à decepção quando constatamos que muitas vezes não há nada de novo sob o sol, que tudo parece se repetir, e assim o desejo de encontrar a permanência parece ser uma prisão trágica que nos sufoca diante do deserto do transitório. Nesse sentido, ainda que o conhecimento se torne sofrimento, a esperança de encontrar algo que transcenda nossa própria experiência pessoal é uma motivação muito profunda, pois esse momento nos permite vislumbrar a verdade que de alguma forma é familiar a todo gênero humano, que pode ser comunicada com clareza e elegância, que nos possibilita o encontro com cada um que possa entender uma descoberta sobre a nature-

za e a humanidade. Conhecer se torna uma forma de comunhão que nos liberta da solidão.

Historicamente, quando Jesus Cristo andou pela terra, ele não só nos estimulou a buscar a verdade, mas se apresentou como tal. Essa experiência singular superou estruturas imutáveis de leis impermeáveis aos acontecimentos que desconcertam saberes supostamente inalteráveis. O particular se tornou a chave de um desconcertante acontecimento imprevisto e a consciência produzida pela liberdade individual do homem (a escolha pessoal) se tornou base da compreensão correta da realidade; e, dessa forma, o cristianismo dos primeiros tempos se aproximou dos filósofos como interlocutores nesse esforço pelo universal, por aquilo que poderia unir os homens para além de seus sectarismos e aprisionamentos tribais, preconceitos e intolerâncias. Foi no desenvolvimento da civilização cristã medieval que a filosofia foi preservada e estimulada até se consolidar como saber fun-

damental, preparando o terreno para os grandes avanços científicos da modernidade. A universidade, nascida do coração da Igreja medieval, foi o lugar que possibilitou a transformação ou, como dizemos hoje, a inovação da sociedade e do saber.

“Foi no desenvolvimento da civilização cristã medieval que a filosofia foi preservada e estimulada até se consolidar como saber fundamental, preparando o terreno para os grandes avanços científicos da modernidade.”

Em suma, ao modularmos levemente essa tensão, aproximando o particular ao privado (interesses de foro íntimo) e o universal ao público (assuntos de âmbito coletivo), podemos perceber como a discussão acerca da liberdade individual em contraste com o bem comum se

torna complexa e inevitável para o desenvolvimento da humanidade. Ao olharmos a situação do mundo hoje, tanto nas grandes potências quanto em nossa vizinhança, até chegarmos a nosso próprio país, podemos ver esse dilema retornar com grande expressão. Para nos restringirmos a alguns exemplos, traço três situações: 1) a crise do projeto ocidental de globalização, 2) a crise da democracia na América Latina e 3) a crise de representatividade no Brasil. Obviamente, estou consciente que cada uma delas tem detalhes e miudezas que possibilitariam a escrita de muitos livros, com interpretações divergentes a partir de premissas de análise diferentes. Isto posto, quero apenas enfatizar como as três crises apontadas expressam, entre outras coisas, a questão do universal e do particular.

Para começar, vejamos os terríveis atentados terroristas e a crise dos refugiados na Europa, África e Ásia, reflexos de uma crise civilizatória de imensa complexidade, que se manifesta



na eleição de Donald Trump nos EUA, na saída do Reino Unido da União Europeia e na guerra contra o Estado Islâmico na Síria e no Iraque. A globalização prometida nos anos 90, embasada na autoridade da ONU como instituição moral que permitiria a integração da humanidade num grande congresso internacional, foi sendo destroçada por outros projetos de civilização, tanto de matiz religiosa como nas nações islâmicas, com esses choques percebidos nas guerras do Iraque, dos atentados nas torres gêmeas nos EUA, as guerras do Afeganistão e da Síria, culminando com o advento do grupo Estado Islâmico; quanto de matiz nacionalista e protecionista, que variam desde perspectivas mais economicistas como o brexit, até mais culturalistas como os nacionalismos francês, americano e do leste europeu, que muitas vezes flertam com a xenofobia em relação ao refugiados de guerra.

Em ambos os casos, o conflito entre a proposta dourada de

uma globalização que permitiria um verdadeiro diálogo universal para além das transações econômicas controladas pelas instituições financeiras (bancos e organizações de investimentos) e as realidades particulares que não concordam com as bases desse diálogo, por motivações religiosas atreladas à política ou

“A tarefa é perceber de que maneira o bem comum, entendido como aquilo que satisfaz as necessidades de um coletivo e que é produzido por todos em proporção às suas capacidades, pode ser atingido.”

por perspectivas ideológicas com fundamentos culturais diversos do multiculturalismo, criou um abismo para o entendimento franco e sincero. Esse impasse permanece insolúvel e as convulsões sociais e políticas continuam desafiando uma saída que permita preservar a identidade particular e a liberdade dos povos e

nações ao mesmo tempo em que abre portas para uma universalidade que possibilite acordos justos que levem à prosperidade e desenvolvimento humano.

No segundo exemplo, entre nossos vizinhos da América Latina, as questões tratadas no V Congresso da COMIUCAP foram muitas vezes carregadas de emoção e gravidade, já que estávamos na capital da Colômbia e muitos da região falam com larga experiência dos conflitos que nos assolam há tempos. As questões da desigualdade social, da pobreza e da miséria, do autoritarismo e do patrimonialismo na América Latina, há muito debatidas, são os grandes desafios das repúblicas do continente. Nesse sentido, a tarefa é perceber de que maneira o bem comum, entendido como aquilo que satisfaz as necessidades e promove as potencialidades de um coletivo e que é produzido por todos em proporção às suas capacidades, pode ser atingido.

Assim, foram debatidas largamente maneiras como esse

bem comum, que ultrapassa o indivíduo particular e se abre a uma universalidade da nação ou mesmo à toda humanidade, pode ser buscado em nossos países. As tentativas de inspiração marxista são uma força atuante até hoje e basta olharmos para o governo venezuelano de Nicolás Maduro e da Bolívia de Evo Morales para entendermos que tais propostas sofrem acusações de relacionamentos com o narcotráfico e de um aumento repressivo e sanguinário da sua própria população, classificando os divergentes políticos como traidores e excluindo-os da categoria de povo.

Por outro lado, os acordos entre o governo colombiano de Juan Manuel Santos (Nobel da Paz) e as FARC (Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia), ou mesmo a recente abertura recíproca entre Cuba e EUA assumem uma outra saída, através das negociações que muitos suspeitam como fraudes, ilusões ou apenas estratégias para ganhar tempo diante de derrotas inevi-

táveis. Seja como for, a diferença filosófica, teórica e ideológica entre qual a melhor forma de encontrar esse bem comum se acirra quando alguns apostam no maior controle do Estado como única alternativa, uma vez que somente a redistribuição poderia de fato atender os mais pobres, enquanto outros entendem que somente a prosperidade trazida pelo mercado poderia aumentar o bem-estar da maioria, produzindo riqueza a partir da liberdade individual.

Entre os princípios de igualdade, através da redistribuição do Estado, e da liberdade, através das responsabilidades individuais no mercado, muitas vezes esquecemos o terceiro princípio da república moderna, o da fraternidade. Ao esquecermos que somente através de algo que nos une como irmãos podemos construir o bem comum, impedimos uma solução que de fato integre a todos, preservando especificidades de cada um. Ao nos dividirmos a ponto de estruturas que sustentam a miséria

e da desigualdade absoluta não nos mobilizarem mais, ou quando acreditamos que a supressão total da diferença e da divergência é a única saída em nome de uma utopia sectária, estamos destruindo qualquer possibilidade de escaparmos do particularismo egoísta e nos destinarmos ao universal fecundante e, paradoxalmente, destruindo qualquer possibilidade livre em nome de um falso universalismo totalitário.

Como terceiro ponto um olhar para a situação em nosso país, que participa tanto da crise da globalização como também sofre com as estruturas desiguais e sectárias da América Latina. As crises políticas e econômicas por que passamos nos últimos anos provocam paixões e posicionamentos firmes tanto sobre o impeachment de Dilma Rousseff, quanto sobre as repercussões políticas das operações da Polícia Federal, como a Lava-Jato. Seja como for, desde as eleições de 2014 se acentuou o caráter de suspeitas a toda estrutura institucional do país,



evidenciando a fragilidade da nossa representação política e da legitimidade jurídica de nossos processos oficiais.

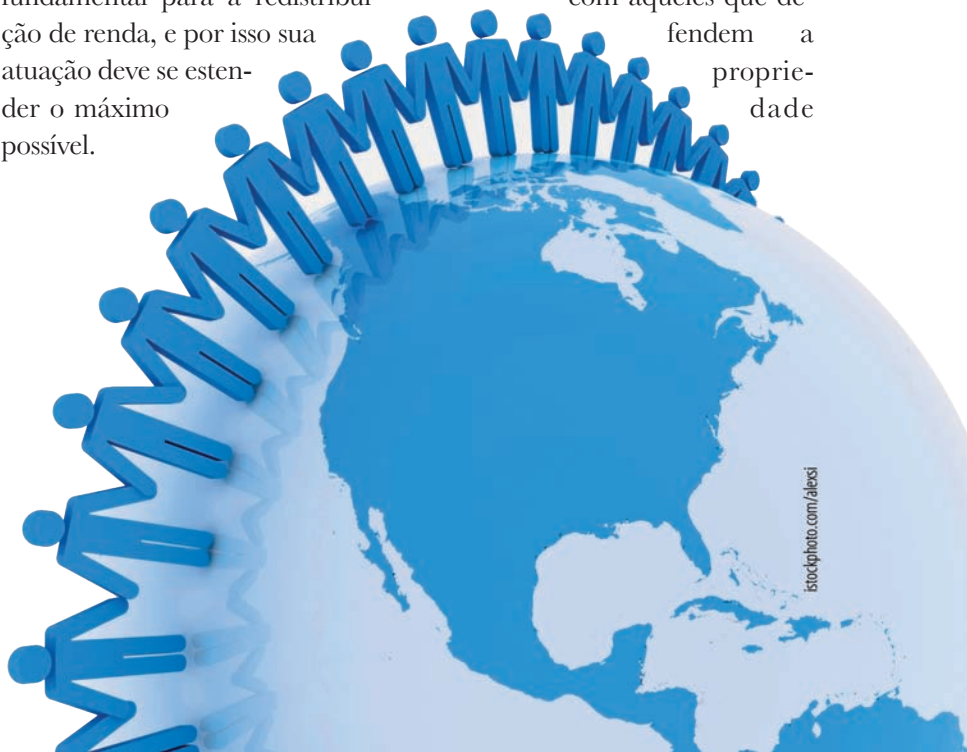
De maneira clara, os critérios de diálogo sobre o que é justiça, processos legais, direitos e deveres, assim como probidade dos políticos eleitos, das relações entre poder econômico privado e ação dos servidores públicos foram colocados em desconfiância. Mais profundamente, essa perda de referências comuns, a crise da universalidade, expõe uma falta de concepção do que é o bem comum de um país. Sem essa instância clara na consciência política, não há mais possibilidade de reformas institucionais significativas, sejam políticas, trabalhistas, econômicas, educacionais ou culturais.

Essa confusão sobre o que nos une gera entraves para qualquer diálogo que não seja troca de ofensas ou rotulações ideológicas. É inegável que todos temos princípios e valores que concebemos como o melhor para a comunidade política de que participamos e

que esse fato desenvolve uma repulsa àqueles que divergem frontalmente de nossa concepção. Como exemplo, a visão política que coloca as privatizações, o valor da propriedade privada e da liberdade individual como acima das determinações sociais e econômicas é totalmente oposta à percepção daqueles que almejam que o Estado seja o agente fundamental para a redistribuição de renda, e por isso sua atuação deve se estender o máximo possível.

Com efeito, para quem mantém a concepção de fundo da luta de classes marxista uma proposta de bem comum aos moldes da democracia burguesa é, simplesmente, uma hipocrisia ou uma estratégia de acomodação temporária para a superação dessa mesma democracia, pois não seria possível que o bem comum pudesse existir de fato

com aqueles que defendem a propriedade



privada como valor em si mesmo. Por outro lado, diante das ameaças ao seu poder tradicional, grupos de oligarquias políticas podem usar o moralismo público, manipulando meios de comunicação e poder judiciário e policial, para afastar da concorrência grupos antagonistas que, apesar de cometerem crimes reais, não realizaram nada de muito diferente que os mesmos grupos que os acusam e, quando terminado o serviço de desmoralização, as mesmas oligarquias voltam a realizar os mesmos crimes, evidenciando que o problema não era a corrupção, mas a ameaça ao seu domínio.

Um primeiro passo para sair desse impasse é começar o diálogo sobre o que entendemos como bem comum, o universal, e como podemos nos aproximar de fato daqueles que pensam de forma antagônica, os particulares. Obviamente, esse seria o verdadeiro esforço de qualquer filosofia que busque dar uma contribuição para os problemas que o mundo, nossa região e nosso país atravessam. Esse tipo

de investigação exige compreensão de teorias políticas, econômicas, culturais, éticas, psicológicas e jurídicas. É, definitivamente, a busca racional mais difícil e complexa que o homem pode empreender, uma vez que exige um arcabouço de conceitos que muitas vezes nos escapam por impaciências, mesquinhas e interesses privados de partidos políticos, movimentos sociais, grupos econômicos, escolas de pensamento e tradições religiosas, sem falarmos no dinamismo do mundo real, onde os acontecimentos se assomam de maneira incontrolável, assustando qualquer tentativa de pavimentar um raciocínio sereno e meditativo. É somente no turbilhão da vida que podemos pensar.

Por fim, apenas através da sinceridade e da clareza intelectual, sem subterfúgios, que podemos enxergar aberturas para a esperança da convivência, da mesma forma que o perdão recíproco que pode nos livrar da cadeia trágica de ressentimentos e vinganças. O Papa Francisco

tem insistido que o bem comum é nossa prioridade, de maneira especial, por exemplo, em pensar a importância do meio ambiente² como espaço de nossa convivência e fonte de nossos recursos. Da mesma forma, em sua recente viagem à Colômbia, em setembro deste ano, o pontífice ressaltou que devemos colocar o bem comum acima dos interesses particulares³, assim como enfatizou a importância da liberdade pessoal para a santidade⁴. Seja como for, diante do que vivemos no mundo atual, o diálogo não é mais uma opção, é uma necessidade. Os radicalismos que se insurgem uns contra os outros podem criar uma situação cujo resultado não nos levará somente para longe da verdade, mas de qualquer caminho de viabilidade da humanidade. □

2 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

3 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170907_omelia-viaggioa-postolico-colombiabogota.html

4 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170908_omelia-viaggioa-postolico-colombiavillavicencio.html

UMA NOVA VISÃO PARA O ENSINO

A sociedade do conhecimento, ou também chamada de Sociedade da Informação, surgiu com o avanço da Internet e dos conteúdos disponíveis na rede mundial. Desde o final da década de 90, a cada dia que passa ficamos expostos a cada vez mais informações. Cálculos indicam que produzimos no período de um ano o conteúdo equivalente ao que foi gerado em todo o mundo nos últimos 5 mil anos.

Esta quantidade de informação e a facilidade em obtê-la está transformando nossa sociedade que, cada vez mais, necessita de jovens criativos, inovadores e empreendedores, que saibam transformar esta extravasante oferta de dados em algo útil para resolver problemas, melhorar a qualidade de vida, ou simples-

mente transformar o mundo em um lugar melhor e mais feliz.

Em um momento no qual a criatividade e o espírito inovador são cada vez mais relevantes, por que ainda ensinamos nossas crianças e jovens do mesmo modo que os nossos avós e bisavós foram ensinados? Se hoje falamos em sociedade inovadora, de mentes criativas e diversidade de soluções como *modus operandi* do mercado e da sociedade moderna, por que então tratamos nossos jovens e adolescentes como se todos fossem iguais, enquadrando todos dentro da mesma caixa, do mesmo pensamento e do mesmo processo de aprendizagem? Crianças e jo-

“Desde o final da década de 90, a cada dia que passa ficamos expostos a cada vez mais informações. Cálculos indicam que produzimos no período de um ano o conteúdo equivalente ao que foi gerado em todo o mundo nos últimos 5 mil anos.”



Prof. Dr. Flavio Tonidandel

Coordenador do Curso e Chefe do Depto. de
Ciência da Computação do Centro Universitário FEI

vens não assistem os mesmos desenhos, não possuem os mesmos brinquedos e nem as mesmas amizades. Crianças, desde muito cedo, mostram claramente suas preferências, suas frustrações e desejos. Por que simplesmente ignoramos isso na escola?

O modelo de ensino atual coloca o aluno como mero coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem, onde o professor é o centro da distribuição e da apresentação do conhecimento. A formação dos estudantes é única e todos são expostos e forçados a aprender rigorosamente o mesmo conteúdo. São as mesmas provas, os mesmos exercícios e os mesmos professores. Seja para crianças ou jovens que futuramente irão se tornar grandes engenheiros ou grandes atores teatrais.

Este método de ensino padronizado atual teve seu propósito. Não é difícil encontrar na literatura referências a este nosso método de ensino atual, que remetem ao processo e à Revolução Industrial do século 19, na

qual tudo era moldado, padronizado e igual para todos. “Durante séculos, considerou-se que a educação consistia em acumular conhecimentos adquiridos por meio de lições e provas. O ensino obedecia a um modelo primitivo de comunicação, segundo o qual a informação se transmitia e o

“*O modelo de ensino atual coloca o aluno como mero coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem, onde o professor é o centro da distribuição e da apresentação do conhecimento.*”

conhecimento se transferia do professor para o aluno” (COMPANHIA DE JESUS, 1994, §31, p. 39-40). Este cenário, no qual a escola ainda permanece no modelo educacional do século 19, com professores do século 20 lecionando para alunos do século 21, precisa mudar.

Um fato importante e deveras não desprezível é que o nosso sistema de ensino, seja no Fundamental, Ensino Médio ou Superior, não está preparado para lidar com as diferenças. Crianças que pensam diferente, que encontram soluções diferenciadas ou que gostam de realizar atividades “fora-da-caixa” são tratadas como problemáticas, disruptivas ao sistema e, na grande e esmagadora maioria das vezes, sofrem bullying. A escola é hoje, indubitavelmente, o mais eficiente sistema de supressão da criatividade das crianças e jovens. O sistema educacional atual, emoldurado no sistema de séculos atrás, não entende o indivíduo ou sequer o fato de que as crianças e jovens não são iguais, que possuem aptidões e desejos diferentes.

Os mais céticos podem, com razão, argumentar que este modelo educacional não é todo o fracasso que apontam os defensores de novas abordagens educacionais, pois grandes profissionais, inteligentes, inovadores



e disruptivos surgiram a partir deste modelo secular de ensino. O argumento enfático, neste caso, é que, apesar de estarem inseridos neste sistema, muitos deles se tornaram grandes profissionais de sucesso e de reconhecimento internacional. Contudo, isto se deu porque claramente eles criaram uma ruptura ou não acompanharam o processo de educação instaurado. Não muito distante da realidade, há indivíduos de relevância mundial que eram considerados alunos relapsos em suas épocas

ou sequer terminaram o Ensino Médio. E, deste modo, puderam desenvolver suas habilidades, suas aptidões, seus sonhos e desejos de modo alheio à escola.

Atenção ao aluno e à sua individualidade

Estas questões levantadas merecem profunda reflexão. Faz-se necessário dar uma atenção especial à pessoa como um todo, seja na vida ou em um processo de ensino-aprendizagem. Ensinar todos da mesma forma não é respeitar as individualidades,

nem mesmo mirar para uma sociedade dinâmica, inovadora e com melhor qualidade de vida.

Esta preocupação com a individualidade do estudante não é nova. Textos da Pedagogia Inaciana já apontavam, dezenas de anos atrás, a necessidade ao respeito e ao desenvolvimento do ser humano, atento aos seus talentos, personalidades, desejos e outras características individuais. O respeito por tudo que compõe cada indivíduo é conhecido como *cura personalis* e constitui a base da Pedagogia



istockphoto.com/Steve Debenport

Inaciana. É fato dizer que “Inácio incute o ideal de um desenvolvimento completo da pessoa humana” (COMPANHIA DE JESUS, 1994, §134, p. 102).

Com tudo isso, precisamos ir além. Muito à frente do que temos hoje. Nós, professores, não podemos mais ser meros transmissores de conhecimento e cultura. “Do ponto de vista puramente pragmático, a educação que se restringe à transmissão de cultura acaba efetuando uma preparação para o que já está caindo em desuso” (COMPANHIA DE JESUS, 1994, § 79, p. 71). Espera-se que um professor da atualidade seja muito mais um mentor do que um mero orador de fórmulas, textos e equações. É preciso transcender seu papel de educador para um papel de formador, e tudo isso implica em aceitar que as formações dos alunos serão diferentes entre si, que nenhuma aula será igual a outra e que tudo o que sabemos sobre educação terá que mudar. Entretanto, não se justifica o argumento

de que os discentes não gostam de aprender. Obviamente, isso não é verdade, em absoluto! Eles realmente adoram adquirir conhecimentos e assimilar novas informações. Afinal, aprendem a caminhar, brincar, conversar e diversas outras atividades quando estão livres para aplicarem suas curiosidades, desejos e criatividade. É a escola, nos moldes atuais, que suprime esse ímpeto de aprender mais. Simplesmente porque o que se ensina é inerte e fora de suas realidades.

Resultados promissores no Brasil e no mundo

Os finlandeses, criadores do que é considerado o melhor e mais bem-sucedido modelo educacional do mundo, dizem: “É possível prepará-los ou para as provas ou para a vida. Escolhemos a segunda opção”¹. Nas escolas finlandesas ensina-se apenas o que é útil para a vida dos alunos. Eles sabem, por

exemplo, como criar um portfólio, calcular porcentagens dos impostos e descontos em produtos, entre muitas outras coisas. Por lá, formam-se turmas especiais, não de disciplinas como Matemática, Ciências e História. As classes especiais são formadas por aptidões, tais como desenho, música, esportes, etc. E nem por isso eles deixam de aprender o que nos foi designado como educação básica, pois hoje os finlandeses são os que mais pontuam em provas de conhecimentos gerais (Redação, Matemática e Ciências) nos exames internacionais para jovens e adolescentes.

Outros países também vêm conquistando avanços importantes. Dentre eles o Brasil. Muitas escolas, hoje em dia, atribuem à robótica o milagre de ter feito com que alunos ficassem mais motivados, com maior satisfação em aprender mais e melhorar seus desempenhos escolares, quando na verdade isso não é mérito da robótica em si, mas da metodologia de ensino empregada para

¹ SETE PRINCÍPIOS da Educação Finlandesa. Disponível em: <https://incrivel.club/inspiracao-psicologia/7-principios-da-educacao-finlandesa-16705/>

ensinar robótica educacional nas escolas. Por ser um método puramente prático, baseado em solução de problemas em um assunto que atrai o desejo de aprender e valoriza as aptidões das crianças e dos jovens, este método realmente “causa maior sensação de conquista e satisfação do que se o professor houvesse explicado e desenvolvido o significado por extenso” (COMPANHIA DE JESUS, 1994, § 101, p. 85). Um exemplo é a Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR), criada em 2007 por professores de diversas universidades do país, entre elas a FEI. Com um crescimento exponencial nos últimos anos, saindo de 300 equipes em 2012 para mais de 3000 em 2017, a OBR mostra que o estudante, quando motivado e estimulado, pode alcançar níveis de conhecimento e talento nunca antes imaginados. “Não é o muito saber que sacia e satisfaz os alunos, mas o sentir e saborear intimamente a verdade” (COMPANHIA DE JESUS, 1994, § 101, p. 85). E como já dito, as crianças e jovens adoram aprender.

Um caso interessante ocorreu na Grande São Paulo, com uma escola da periferia de Diadema, relatado pela professora responsável pelo ensino de robótica na escola, segundo a qual esta atividade extracurricular transformou a vida de alguns de seus alunos. Os estudantes da escola vivem na favela e convivem diariamente com o tráfico de drogas. As perspectivas deles não são outras que não seguir os passos das pessoas a sua volta e se tornarem, do mesmo modo, traficantes. Porém, a professora

percebeu que alguns alunos, interessados pela robótica, começaram a frequentar mais a escola, distanciaram-se do tráfico e, como consequência, melhoraram e muito seu desempenho nas disciplinas. Estas crianças, de fato, constataram que a robótica e a área tecnológica permitiu-lhes o desenvolvimento de uma capacidade relevante e, até então, desconhecida. E é possível afirmar que hoje elas são capazes de vislumbrar um futuro diferente da realidade em que estão inseridas.



istockphoto.com/yacobchuk

É importante entender que, para esses alunos, a percepção de que a escola poderia mudar suas vidas veio quando a escola respeitou e estimulou as aptidões e as diferenças existentes entre eles. E também deu a oportunidade para que vislumbassem diversas possibilidades de criar e produzir muito mais do que se consideravam capazes, mesmo estando inseridas nas disciplinas tradicionais. E a boa nova é que este método não precisa ser exclusivo à robótica, mas pode ser ampliado para outras aptidões.

As crianças e jovens, portanto, deveriam aprender na escola: música, teatro, culinária, agricultura, robótica, programação, ética, relações sociais, cuidados pessoais, comunicação, mobilidade e diversas outras atividades e assuntos, em vez de terem disciplinas comuns a todos de matemática, física ou química. Estas disciplinas deveriam tornar-se ferramentas para as atividades em que os alunos estão envolvidos. “Dentro deste espírito, os próprios alunos representavam

peças teatrais e encenações, para estimular o estudo da literatura (...). Também são sugeridos certames, jogos, etc., para que a ânsia do adolescente de se avançar possa ajudá-lo a progredir no caminho do saber. Estas práticas demonstram um interesse primordial em tornar o estudo interessante, e assim suscitar a atenção e aplicação dos jovens pelo estudo” (COMPANHIA DE JESUS, 1994, § 149, p. 110).

Algumas escolas pelo mundo

fazem isso com maestria, a ponto de garantir que a matemática vista nas diferentes atividades, tais como teatro e programação, por exemplo, seja a mesma, mudando apenas o enfoque. Logo, crianças podem optar entre fazer teatro ou participar das aulas de programação. A escola respeita a diversidade, estimula as aptidões e ensina o conteúdo mínimo necessário de forma muito mais natural. Podemos citar como exemplo a abordagem desenvolvida na Itália, chama-



Sala de Aula Invertida. Fonte: Universidade de Stanford/Divulgação



da Reggio Emilia, que permite às crianças desenvolverem seus próprios currículos conforme o que mais lhes interessa² (MONBIOT, 2017).

A Aprendizagem Ativa

Não é por acaso que estes modelos novos de ensino, conhecidos como aprendizagem ativa, vêm ganhando adeptos pelo mundo todo. Técnicas e métodos como Sala de Aula Invertida, PBL – Problem Based Learning e Peer Instruction estão ficando mais frequentes e gerando resultados muito mais expressivos do que eram inicialmente esperados. “O crescimento na maturidade e independência, necessário para o crescimento em liberdade, depende da participação ativa mais do que de uma recepção puramente passiva. O caminho rumo a esta participação ativa inclui estudo

pessoal, oportunidades para a descoberta e a CRIATIVIDADE PESSOAL e uma atitude de reflexão. A tarefa do professor consiste em ajudar cada estudante a aprender com independência, a assumir responsabilidade de sua própria educação”. “Assim, o currículo é centrado na pessoa antes que na matéria a ser desenvolvida. Cada aluno pode se desenvolver a atingir objetivos num ritmo adequado a sua capacidade individual e as características de sua própria personalidade” (COMPANHIA DE JESUS, 1998, p. 21).

Permitir que os alunos decidam o que aprender e como aprender pode ser assustador para o professor da atualidade. Todavia, é algo não apenas viável, correto e motivador, mas também necessário para formarmos alunos inovadores, criativos e competentes.

Nós, do Centro Universitário FEI, imbuídos dos direcionamentos de Santo Inácio, temos todas as condições de seguir

por este caminho da aprendizagem ativa e da valorização da individualidade de nossos alunos. Basta, para isso, seguirmos os ensinamentos da Pedagogia Inaciana, apontada neste texto pelos textos referenciados. Parafraseando uma outra sentença do livro Características da Educação da Companhia de Jesus, “Aprender é importante. Mas muito mais importante é aprender e desejar continuar aprendendo” (COMPANHIA DE JESUS, 1998). Isto serve não apenas para os alunos, mas também para nós, professores. ▢

Referências

COMPANHIA DE JESUS. Características da educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1998.

COMPANHIA DE JESUS. Pedagogia Inaciana: uma proposta prática. São Paulo: Loyola, 1994.

² MONBIOT, George. In an age of robots, schools are teaching our children to be redundant. The Guardian, 15 fev. 2017. Disponível em: < https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/feb/15/robots-schools-teaching-children-redundant-testing-learn-future?CMP=tw_t_gu>.

UM OLHAR SOBRE O CAMPUS

Exposição de fotografias e poesias, Olhares sobre os campi, realizado no Centro Universitário FEI, em outubro de 2017.

M

esmo quando o caos parece querer se impor, as belezas da vida lá estão.

Vê-las, em alguns momentos da história, é um exercício para aqueles que não se embruteceem diante do ódio, do ressentimento, da violência.

A esses, cuja experiência lhes garantiu uma alma vibrante, as paisagens naturais e humanas desfilam permanentemente, nutrindo-lhes os sonhos e as práticas.

A atitude, nada simples, de olhar uma realidade hostil e encontrar, às vezes em meio aos escombros, o que pode levar o ser humano a se entusiasmar (no sentido original da palavra)

pelo mundo é uma aventura arqueológica.

Felizmente, muitos são os arqueólogos que resistem a um mundo que nos requer respostas rápidas, que exige cada vez mais produtividade para o capital e que nos limita o tempo para usufruir do que, para alguns, não é importante.

Como justificar a importância da arte na atualidade?

Há uma ampla fortuna crítica sobre as razões pelas quais a humanidade deva fortalecer as manifestações artísticas, mas

poucos hoje parecem se importar com a necessidade da arte para a sociedade. Entretanto, como erva daninha que brota do inesperado, a arte nos chama. Sempre nos têm chamado. Sempre vai nos chamar.

A esse chamamento, nosso Gilson Mafra, certo dia, propôs para a Nilce Regina Marin fazer



Profa. Giselle Larizatti Agazzi

Professora do Depto. de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário FEI



uma exposição de fotos do *campus* de São Bernardo do Campo. Venhamos e convenhamos, uma provocação de arqueólogo!

Em um Brasil turbulento, fazer uma exposição de momentos líricos do cotidiano feiano seria um contrassenso para um olhar tecnicista (entenda-se: não um olhar que valoriza a técnica e sabe da sua importância para o homem, mas um olhar que despreza o humano nas atividades que são, afinal, eminentemente humanas).

Seria e é um contrassenso se pensarmos na urgência pelos resultados em tempos em que te-

mos que lutar para poder olhar e ver, para ler e escrever, para ouvir e comunicar, para sentir e refletir.

Mas é um contrassenso querido. Porque nossa alma responde a chamados bem mais elevados do que apresentar uma lista de feitos mensais. E sempre será assim.

Ampliando a proposta original do texto não verbal para o verbal, a provocação feita foi assumida por nós, pessoal da Biblioteca e do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas, e por todos os arqueólogos que nos trouxeram os mais belos re-

tratos – em imagens e palavras – dos dois *campi* da FEI.

A exposição veio em bom momento.

Como a Primavera, o conjunto de fotografias e de poesias renovou o sentimento de pertença a uma comunidade que, afinal, guarda valores hoje soterrados pela velocidade e superficialidade dos relacionamentos.

Sem a preocupação de concurso, compartilhamos uma pequena amostra do que tivemos o prazer de colher nos espaços externo e interno da Biblioteca do *campus*. □

Um olhar para o *campus*

ROSELI BELZUNCES

Funcionária do Setor de Diplomas

Olhar de alegria,
olhar de felicidade,
onde existe a magia,
da natureza de verdade!
Ao olhar os beija-flores,
ao olhar os bem-te-vis,
ao contemplar os quero-queros,
e os carcarás, que já tanto assisti!
Lindas borboletas,
com grande inspiração,
e eu com o meu marmiteix,
almoçando no escadão!
Não tem dinheiro que pague,
almoçar ao ar livre,
observando a natureza,
e os pássaros tão felizes!
Existe o pica-pau amarelo,
existe o pica-pau vermelho,
existe o João-de-barro trabalhador,
os papagaios tão guerreiros!
Todos esses seres enfrentam o frio
com veemência,
caçando seus alimentos,
para a própria sobrevivência!
Já vi muitas construções,
com grandes estruturas,

aprendi ver Deus em tudo,
trabalhando com imponência!
Cada tijolinho,
colocado nesse *campus*,
teve as mãos de Deus,
abençoando com um cântico!
Cântico de vitória,
com beleza e esplendor!
Porque dentro desse *campus*,
Deus plantou foi muito amor!
Só não enxerga quem não quer,
o quanto a FEI é abençoada,
o crescimento é visível,
e as marcas registradas!
Marcas de alegria,
de um total comprometimento,
em que muitas mãos unidas
deixam a sua experiência!
Estamos todos juntos,
unidos nessas conquistas,
torcendo por esse *campus*,
verdadeira obra de grandes artistas!
Tente fechar seus olhos,
e contemple o paraíso,
sentindo dentro de ti
muita paz, quando é impossível!



arquivo FEI

Existe muita paz nesse *campus*,
você pode acreditar!
Se você não encontrou ainda,
mude agora o seu olhar!
Olhar de um apaixonado,
mesmo sem conhecer,
admirando o invisível,
até mesmo de antes ver!
Não queremos nenhuma fama,
não queremos aparecer,
apenas desejamos olhar o *campus*
e poder ver a FEI crescer!
Crescer não só com prédios,
muito menos só construções,
mas tornarmos mais humanos,
através da INOVAÇÃO!



Pedido a Deus

RUTE CASTILHO

Funcionária do Ambulatório Médico

Pedi a Deus,
num momento delicado,
que houvesse calmaria
no meu coração agitado.
Andei vagarosamente pensativa
num jardim tão bem cuidado.
Árvores gigantes e frondosas,
abraçaram meu corpo fragilizado.
Prossegui observando
cada folha que caía,
comparei com as lágrimas
que pelo meu rosto escorria.
Em meio a pensamentos confusos,
fui ouvindo sem cessar,
a melodia dos passarinhos,
que tentavam me alegrar.
As flores me hipnotizavam...

E só consegui avistar,
centenas delas me saudando,
desejando me acalmar.
E a cada passo,
um perfume exalava pelo contravento
me transportando, jardim afora,
a uma esfera de encantamento.
Entrei numa capela tão linda,
com um sentimento de grande
comoção.
Agradei a Deus a alegria
que renovou meu coração.
Ele me disse baixinho:
fique em paz minha filha,
te mostrei tanta beleza, enfim
espero que tu entendas:
a natureza é um pedacinho de mim.





Cerejeira em flor

Profa. Elisa Yoshiko Takeda — Depto. de Matemática



Pinheiro sob o sol de inverno

Lucas Trindade S. Rodrigues — Aluno de Engenharia



A cerejeira e a borboleta

Gilson José Morais Mafra — Funcionário RH



**Pe. Manuel Madruga
Samaniego**

☆ 1925 † 2017

Sua história começou no dia 17 de março de 1925, em Salamanca, na Espanha, quando Francisco Madruga e Maria Samaniego festejavam o nascimento do filho Manuel.

Com doze anos de idade, aluno dos jesuítas no Colégio São José de Valladolid, onde estudara seu pai, já participava ativamente da Congregação Mariana.

Entrou para a Companhia de Jesus em Salamanca, em 2 de setembro de 1941, iniciando o longo período de formação e estudos exigidos aos jovens que aspiravam

ao sacerdócio: humanidades, letras clássicas, filosofia, estágio de magistério e teologia.

Nessa época, o espírito missionário era muito forte entre os estudantes.

Ele acalentou o ideal de ser missionário na China, mas, em 1953, incorporou-se à expedição que vinha para o Brasil para fazer o Curso de Teologia e trabalhar na região de Minas Gerais, Goiás e Brasília, que tinha sido confiada a uma província jesuíta da Espanha.

A ordenação sacerdotal foi em 1956 e, ao terminar os estudos com a Profissão Solene dos votos religiosos, deu início a seu fecundo ministério pastoral.

Pela formação acadêmica teve a maioria de suas atividades ligadas à educação, como professor, coordenador, reitor, orientador espiritual, superior ou ministro.

Trabalhou em Juiz de Fora, Belo Horizonte, Ipatinga, Nova Friburgo, São Paulo e até em Roma – quando, de 1976 a 1979, foi Reitor do Colégio Pio Brasileiro, seminário destinado aos estudos do clero das dioceses do Brasil.

Ao voltar ao Brasil em 1981, foi destinado para a Província do Nordeste, onde ficou por dez anos, seis dos quais como Provincial. Com es-

pírito empreendedor, conseguiu revitalizar financeiramente a Província e dinamizar as obras apostólicas e vocações religiosas.

Começou o trabalho na FEI em 1999, como professor do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas. A facilidade de se comunicar com os alunos e professores motivou sua destinação para a capelania universitária, celebrando as missas e atendendo nas sextas-feiras à noite e nos domingos pela manhã.

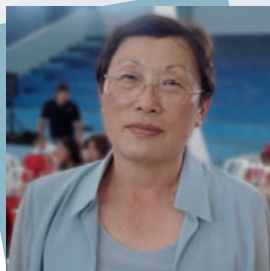
Padre Madruga chegou aos 92 anos conservando uma vitalidade invejável. Era um sacerdote atualizado, sempre de bom humor, atento às orientações da Igreja e cultivando amor à Companhia.

A experiência religiosa e sacerdotal o fizeram um seguro orientador de consciência para religiosos, religiosas, seminaristas, leigos adultos e jovens que o procuravam.

Neste ano, quando se restabelecia de uma queda, no dia 15 de setembro, sua morte pegou-nos de surpresa, com aquela sensação de vazio que provoca a perda de uma pessoa querida.

Sua lembrança ficará sempre viva entre nós enquanto, na eternidade, Deus o tem consigo dando-lhe a recompensa que seu Filho prometeu a todo servo bom e fiel.

Pe. Paulo D'Elboux, S.J.



Toshiko Watanabe

☆ 1943 † 2017

Natural da cidade de Suzano, foi a primeira engenheira têxtil do Brasil, formada pela FEI no ano de 1968.

Iniciou suas atividades em junho de 1970 e manteve vínculo com a FEI por mais de 32 anos ainda que com alguns intervalos, nos quais dedicou-se ao seu aprimoramento intelectual, com diversos cursos fora do país, além de atuar no mercado de trabalho em laboratórios de pesquisas e ensaios têxteis, sua especialidade. Foi chefe do Departamento Têxtil e pesquisadora do IPEI.

Amante de animais e plantas, envolvia as pessoas, preservava amizades de forma leal e discreta, compartilhando as alegrias e dificuldades de cada um, preocupando-se com a formação profissional das pessoas.

Esta capacidade de conquistar os alunos, ex-alunos, colegas e familiares, ficou evidenciada nos últimos momentos de sua vida, quando enfrentou com serenidade, resignação e paciência os desafios da enfermidade que minou sua vida até o desfecho final.

Faleceu no dia 28 de setembro deixando muita saudade.

Profa. Camila Borelli



Aldo João Alberto

☆ 1953 † 2017

Natural de Santos, nasceu em 17 de novembro de 1953. Dedicou trinta anos de sua vida à educação, tanto na FEI quanto na Universidade Santa Cecília.

Começou sua atividade docente na FEI em agosto de 1991, conquistando rapidamente a amizade dos colegas e o respeito dos alunos pela competência. Em cada aula ilustrava a exposição da matéria, reproduzindo em desenho, verdadeiras obras de arte.

Trabalhou em indústrias em Cubatão: Manah, Iap e Engebasa. Formou-se em Engenharia Mecânica, na Universidade Santa Cecília, em Santos e especializou-se em engenharia de segurança, na FGV. Em 1989, decidiu seguir a carreira de professor universitário não voltando a trabalhar em indústrias.

D. Sonia, sua esposa, comenta: “É difícil usar o tempo pretérito quando falo dele. Para mim e para nossos três filhos, Ana Carolina, Filipe e Lucas, ele é e sempre será um exemplo de ser humano, um pai dedicado à sua família, um marido zeloso, sempre preocupado em resolver todos os problemas.

Faleceu no dia 19 de fevereiro, mas continua vivo em nossas memórias, em nossos corações e assim ficará para sempre. O Aldo é daquelas pessoas inesquecíveis, um homem de valor, um pai, marido muito amado, e também, como diz nossa amiga professora Alda, um contador de estórias.”

**Sonia Maria Barros Alberto (esposa) e
Maria Leda Fragnani (Sala Geral dos Professores)**



Arthemio Ferrara

☆ 1937 † 2017

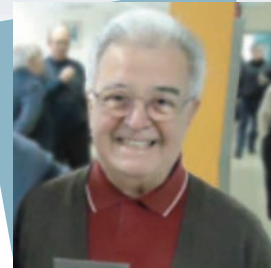
Nasceu aos 18 de dezembro de 1937, em São Paulo. Formou-se em Engenharia Mecânica pela Universidade Mackenzie e ingressou na FEI em 1º de agosto de 1964, no então Departamento de Ciências Básicas. Foi vice chefe do Departamento de Física desde sua criação, em 1968, e chefe de 1971 a 1982, contribuindo para a consolidação da FEI em seu novo *campus* de São Bernardo do Campo.

Aprendiz incansável, sempre movido pela curiosidade, realizou pelo menos 16 cursos de extensão universitária em temas que vão desde Instalações Elétricas Industriais até Interações Eletromagnéticas e Fundamentos da Física Atômica, passando por Sistemas Digitais de Comunicação, Energia Solar e suas Aplicações e Uso do Ambiente Moodle, na FEI.

Em mais de 50 anos de magistério, deu aulas em várias instituições como Escola Politécnica (USP), Universidade Santa Cecília (Santos), Universidade de Mogi das Cruzes.

Autor de sete livros que cobrem todas as áreas clássicas da Física.

Profs. Roberto Baginski e Augusto Santos



Edson P. Veiga

☆ 1936 † 2017

Nasceu em Laguna em 23 de fevereiro de 1936. Era muito criança quando a família se mudou para Florianópolis. Formou-se em Engenharia Eletrônica, pelo ITA e foi trabalhar na Alemanha, na empresa Telefunken.

Retornando ao Brasil, foi nomeado vice-presidente da empresa ganhando destaque sua participação no estudo, definição, divulgação e implantação do sistema de televisão a cores no Brasil e América Latina, pelo padrão analógico brasileiro PAL-M. Autor de seis livros, todos sobre a fabricação de televisores.

Casou-se com Ruth com quem teve o filho Edson, já falecido.

Em 1966, foi contratado para professor da FEI, sempre muito querido e frequentemente homenageado pelos alunos. Pela competência profissional e dedicação ao magistério, transmitia aos alunos a importância de se dedicarem com empenho no aprimoramento pessoal como garantia do sucesso nas empresas principalmente colocando metas e usando de criatividade e perseverança.

Depois de 45 anos de FEI, por motivos de saúde, afastou-se das atividades acadêmicas mudando-se com a família para Florianópolis, cidade de sua infância.

*Prof. José Maria Bechara e
Gilson Mafra (Setor de Recursos Humanos)*

